



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Tiago André Simões Ferreira

A HISTÓRIA LOCAL E O PATRIMÓNIO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO DA HISTÓRIA

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA SOBRE A HISTÓRIA DO PATRIMÓNIO DE CONDEIXA-A-NOVA NO 8º ANO

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pelas Professoras Doutoradas Sara Marisa Dias Trindade e Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

A HISTÓRIA LOCAL E O PATRIMÓNIO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO DA HISTÓRIA

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA SOBRE A HISTÓRIA DO PATRIMÓNIO DE CONDEIXA-A-NOVA NO 8º ANO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A História Local e o Património como estratégia no ensino da História
Subtítulo	Experiência Pedagógica sobre a História do Património de Condeixa-a-Nova no 8º ano
Autor/a	Tiago André Simões Ferreira
Orientadoras	Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
Júri	Presidente: Doutor Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco Sá Vogais: 1. Doutor Saúl António Gomes Coelho da Silva 2. Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Secundário
Área científica	Formação de Professores
Especialidade/Ramo	Ensino de História
Data da defesa	28-10-2021
Classificação do Relatório	17 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais por todo o amor e carinho que me deram durante esta longa viagem académica. À minha mãe, fico eternamente grato pela forma como me apoiou nos momentos menos fáceis e por ter acreditado sempre em mim. Ao meu pai, agradeço-lhe do fundo do meu coração por ter estado sempre presente quando eu precisei. Jamais esquecerei todos os sacrifícios que fizeram por mim.

Agradeço às Professoras Doutoras Sara Marisa Dias Trindade e Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro, não só por terem orientado o presente estudo, mas por terem estado sempre disponíveis a ajudar no âmbito de tornar o nosso trabalho melhor. Também não posso deixar de agradecer à minha orientadora de escola, Professora Catarina Gomes Figueiredo, pela disponibilidade, compreensão e amizade ao longo do ano letivo que agora cessou. Para os meus colegas de estágio, Regina Pascoal e Leonardo Ferreira, todo o amor e carinho.

Agradeço a todos os professores e funcionários da Escola Básica n.º 2 de Condeixa-a-Nova que, agradavelmente, facilitaram a minha integração. Aos meus primeiros alunos, agradeço o espantoso acolhimento que me proporcionaram e o admirável nível de prazer que demonstraram nas minhas aulas.

RESUMO

O relatório de Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário que apresentamos tem como objetivo divulgar os resultados do nosso estudo sobre a utilização da História Local e Património, enquanto estratégia no ensino da História, realizado no contexto da prática pedagógica supervisionada, no ano letivo de 2020/2021, na Escola Básica n.º 2 do Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova. Tendo em conta o programa e as metas curriculares do 8.º ano, o presente estudo tentou valorizar e potenciar o trabalho em volta da História Local e do Património. Apesar de, ao longo do presente ano letivo, terem sido desenvolvidos outros trabalhos com a mesma temática, entendemos que o resultado final a apresentar neste relatório se deve centrar no estudo das Invasões Francesas, mais concretamente no impacto que elas causaram a nível local: em Condeixa-a-Nova.

Face ao que acabámos de expor e usando a História e o Património de Condeixa-a-Nova, pretende-se responder à seguinte questão: *De que forma é que a História Local e o Património podem ajudar na construção de conhecimento histórico?*

As aplicações didáticas realizadas, utilizadas de modo a aproximar os alunos à História e Património de Condeixa-a-Nova, passaram pela realização, num primeiro momento, de duas fichas documentais com fontes históricas ligadas à História Local. Inicialmente pretendemos que a turma ao contactar com fontes escritas pudesse relacionar o Património de Condeixa-a-Nova, nomeadamente os solares, com a questão do Antigo Regime português. Já a segunda atividade em que recorremos a fontes históricas introduziu a questão do incêndio de Condeixa-a-Nova, em 1811, no âmbito da 3ª Invasão Francesa. Na terceira e última aplicação didática, foi reconstruída a história do Património apresentado nas fichas documentais através de uma imagem interativa, na aplicação *Thinglink*, de modo a consolidarem as aprendizagens realizadas, a desenvolverem competências de seleção crítica e a apresentarem informação em ambientes digitais.

Com a realização destas atividades podemos atestar que os alunos se sentiram motivados a compreender as temáticas abordadas nas aulas e a conhecer melhor o espaço em que se encontra inserida a instituição na qual estudavam.

Palavras-chave: História Local, Património, Ensino, Invasões Francesas, Condeixa-a-Nova.

ABSTRACT

The Master's report on Teaching History in the 3rd cycle of Basic Education and Secondary Education that we present aims to present the results of our study on the use of Local History and Heritage as a strategy in the teaching of History, carried out in the context of supervised pedagogical practice in the school year 2020/2021, held at Basic School no. 2 of Condeixa a Nova. Considering the program and curricular goals of the 8th grade, the main objective of this study was to try to value and enhance the work around Local History and Heritage. Although other works with the same theme will be developed during the present school year, we understand that the final result to be presented in this report should focus on the study of the French Invasions, more specifically on the impact that they caused in Condeixa-a-Nova Local History.

Based on what we explained previously and using the History and Heritage of Condeixa-a-Nova, we intend to answer the following question: *How can Local History and Heritage help in building historical knowledge?*

The didactic applications used to bring students closer to the History and Heritage of Condeixa-a-Nova went through, at first, with two documentary files that contains historical sources linked to Local History. Firstly, we intended that the group, when contacting written sources, could relate the Heritage of Condeixa-a-Nova, namely the manor houses, with the question of the Portuguese Old Regime. The second activity in which we resorted to historical sources, introduced the issue of the Condeixa-a-Nova fire, in 1811, within the scope of the 3rd French Invasion. In the third and last didactic application, the history of the heritage presented in the documentary files was reconstructed through an interactive image, in the Thinglink application, in order to consolidate the learning carried out, develop critical selection skills and present information in digital environments.

By carrying out these activities, we can attest that the students felt motivated to better understand the topics covered in the classes and to better understand the space in which the institution in which they study is located.

Keywords: Local History, Historical Heritage, Education, French Invasions.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1. Contexto socioeducativo	7
1.1. A escola.....	7
1.2. Caracterização da Turma	8
1.3. Reflexão sobre a Prática Pedagógica Supervisionada	8
Capítulo 2. Enquadramento teórico	12
2.1. <i>História Local, Património e as suas aplicações didáticas: porquê?</i>	12
2.2. Fontes históricas enquanto instrumento que permite melhorar conhecimento Histórico	19
2.3. O trabalho em grupo como estratégia que ajuda a promover competências sociais	21
2.3.1. Trabalho em Grupo	21
2.3.2. Competências sociais	24
Capítulo 3. Aplicação Didática	26
3.1. Atividade I - Avaliação de conhecimentos prévios dos alunos sobre a História e o Património de Condeixa-a-Nova	26
3.2. Atividade II - Ficha documental sobre a nobreza de Condeixa-a-Nova.....	30
3.3. Atividade III - Ficha documental sobre o incêndio de Condeixa-a-Nova no âmbito da 3ª invasão napoleónica	36
3.4. Atividade IV - Trabalho em grupo e consolidação de conhecimentos	42
3.5. Atividade V - Avaliação do impacto que o trabalho em volta da História Local e Património teve junto dos alunos	49
Considerações finais	55
Fontes e bibliografia	59
Documentos e Legislação	59
Bibliografia Geral	60
Bibliografia sobre Condeixa-a-Nova	62
Anexos	64
Anexo I.....	64
Anexo II	52
Anexo III.....	56

Anexo IV60

Anexo V61

Anexo VI.....64

Anexo VII66

Introdução

Decorridas já duas décadas do século XXI, podemos afirmar que este é um período essencialmente marcado por profundas mudanças a nível político, social e cultural, agravadas pelo acentuar das alterações que a globalização tem provocado na vida das pessoas. Um dos espaços onde estas transformações mais se evidenciam é o ambiente escolar. É precisamente no seio desta comunidade que deve ser implementada a ideia de que os elementos que a integram necessitam de compreender o espaço que os circunda. Posto isto, é importante que os professores desta nova época, durante os seus momentos de lecionação, sejam dinâmicos e capazes de contribuir para uma formação que conduza os seus alunos a identificarem-se com o espaço onde eles e a sua escola se encontram inseridos. Nesse contexto, é imprescindível que se implementem estratégias aliciantes que os levem a compreender que tanto a História como o Património existente no espaço em que habitam podem e devem ser utilizados para a formação e consciencialização da sua identidade.

A este propósito vale a pena destacar a recente publicação, no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia no 1º semestre de 2021, da *Carta do Porto Santo. A Cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia*. Direcionada para decisores políticos, agentes culturais e educativos, este documento apresenta-se como um mapa orientador das políticas e práticas educativas a desenvolver tendo em vista a aplicação de um novo paradigma cultural na Europa. Intitulado de “*Cidadania Cultural e educação*”, a sua 5.ª proposta chama a atenção para a necessidade de se “*colocar a cultura, entendida deste modo plural e participado, no coração das políticas educativas, e a educação no centro das políticas culturais*”¹. É por isso que defende que a escola:

“deve valorizar as especificidades individuais, culturais, territoriais, e possibilitar que todos os alunos tenham acesso a variadas experiências artísticas e manifestações culturais ao longo da vida; que possam ver reconhecida a sua identidade cultural e valorizadas as expressões culturais da sua comunidade; que tenham acesso aos patrimónios e consciência da sua necessária salvaguarda; que ao longo do seu trajeto desenvolvam a criatividade e a imaginação, a sensibilidade estética e o pensamento crítico; que conheçam e efetivem os seus direitos e deveres culturais; e que descubram a sua própria forma de participação ativa na cultura de todos”².

¹ *Carta do Porto Santo. A Cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia*, Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, 2021, p. 10. Documento disponível em: <https://www.culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2021/05/carta-de-porto-santo>, acedido em 02-11-2021.

² *Idem; ibidem, loc. cit.*

Assim, decidimos que seria pertinente que o tema do nosso relatório de estágio problematizasse o uso da História Local e do Património em contexto de sala de aula. No nosso entender, é essencial que no século XXI os estudantes estabeleçam ligações com a História e o Património Local, de modo a desenvolverem o sentimento de responsabilidade e pertença à comunidade de que fazem parte. Será uma forma de os fazer compreender o passado, problematizar o presente e fomentar o pensamento crítico e construtivo sobre o futuro.

Como tal, destacamos o nosso interesse pela História Local e o desenvolvimento da importância da reabilitação patrimonial como os dois princípios inerentes à escolha deste tema para o relatório de estágio. O nosso perfil enquanto docente está precisamente relacionado com estas duas problemáticas. No nosso entender, um professor deve ser um veículo de transmissão de valores e preocupações sociais, devendo ter a capacidade de as transmitir de maneira que os alunos adotem uma postura reflexiva. É, por isso, de extrema relevância que o nosso perfil de professor seja capaz de formar, consciencializar e criar interesse nos discentes por temáticas que vão perdendo espaço nos debates públicos e se vão afastando das prioridades políticas.

Partilhamos da opinião de que, dentro da sala de aula, o trabalho em torno da História Local é exigente em termos de técnicas e métodos, no entanto, só estes podem encaminhar o docente para uma correta exploração e interpretação das fontes com os seus alunos. Consoante a sua utilização, o professor pode, ou não, optar pela abordagem de temas diversificados e que possam conduzir ao conhecimento de problemas locais, de ordem social, económica e política. A estes juntamos a questão patrimonial, símbolo da identidade e permanência da cultura local ao longo dos séculos.

Nos últimos anos, a preocupação com o estudo da História Local e do Património tem sido alvo da atenção de várias instituições de ensino que se dedicam à formação de professores de História. Partindo desta premissa, o nosso plano de estudos, ainda no seu primeiro ano, contempla uma unidade curricular — *Património Cultural, História Local e Ensino* — dedicada a esta realidade. Também outras instituições de ensino superior, como é o caso do Instituto de Educação da Universidade do Minho, dão atenção a este tema nos seus ciclos de estudos referentes ao ensino da História. No caso específico desta instituição, esta temática é abordada na unidade curricular *Cidade e Centro Histórico*. Fruto do trabalho desenvolvido nestas instituições, tem sido possível realizar vários projetos sobre esta temática. A título de exemplo, destacamos seis investigações nelas realizadas, quatro na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e duas no Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Dos vários estudos produzidos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sobre História Local e Património, realçamos os de Leandro Correia, Valério Santos, Sérgio Costa Couto

e Paula Sofia Fenta. A investigação realizada por Leandro Correia, em 2017, incidiu sobre a emigração brasileira no século XIX na região do Norte de Portugal. Sobre os motivos que o levaram a escolher este tema, o autor menciona no seu relatório de estágio que esta “temática permite ao aluno compreender que Portugal foi e é, ao longo do período histórico, um país de emigrantes”³. Em termos de proposta didática e à nossa semelhança, também Leandro Correia trabalhou com uma turma do 8.º ano, optando por “partir do presente para o passado, recorrendo a imagens atuais que retratam esse estado de abandono e de desertificação, aproveitando para abordar as questões do património e da arqueologia industrial, contrapondo com aquilo que era a preocupação dos emigrantes bem-sucedidos do século XIX”⁴. Através de um jogo digital que permitisse aos alunos delinear o percurso destes emigrantes, tentou desenvolver neles a empatia histórica. No capítulo dedicado à fundamentação pedagógica da sua proposta didática, Leandro Correia é muito claro ao mencionar que a “empatia histórica faz parte do nosso perfil enquanto professor. Ao longo do ano, muitas das nossas estratégias tiveram por base esta preocupação. Que o aluno se identificasse com o tempo e o espaço em estudo, assumindo o papel de uma personagem em tempos distantes”⁵.

Os outros três estudos incidem sobre a conceção e realização de visitas de estudo, quer sejam presenciais ou virtuais, num contexto onde seja possível aliá-las com a História Local e Património, e consequente articulação com o ensino da História. Intitulada de *Viagens pela minha Terra. As visitas de estudo no contexto da História Local e Regional*, pois inspirou-se no título do livro de Almeida Garret, a investigação de Valério Santos procurou num primeiro momento que a base do seu projeto fosse a realização de visitas de estudo. No entanto, como explica na introdução do seu estudo, “com o desenrolar das atividades letivas e dos conteúdos, assim como o contacto pessoal com a história, cultura, património e gentes locais e as anteriores vivências e conhecimentos pessoais sobre a região, fomos conduzidos a uma ligação inevitável entre as visitas de estudo e a História do espaço local e regional”⁶.

Na investigação de Sérgio Couto, é apresentada uma ligação entre o Património Histórico-Cultural da região de Coimbra e os conteúdos lecionados na disciplina de História. A aplicação didática por este autor implementada, consistiu na realização de visitas de estudo presenciais

³ Leandro Correia, *Partir, regressar e Investir: uma abordagem didática sobre a emigração no século XIX* português, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2017, p. 22.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 23.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 110.

⁶ Valério Santos, *Viagens pela minha Terra. As visitas de estudo no contexto da História Local e Regional*, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019, p. 3.

(Criptopórtico Romano do Museu Nacional Machado de Castro) e virtuais (Ruínas de Conímbriga). Em cada uma das atividades que realizou forneceu guiões onde foram apresentadas “informações com o objetivo de aliar o Património e a História da cidade”⁷. Para este autor, as “fontes patrimoniais revelam ser uma boa possibilidade de explorar a História Local, incentivando os alunos a desenvolverem a capacidade de mobilizar e relacionar os seus conhecimentos em momentos distintos”⁸. Socorrendo-se, também, do Património de Coimbra, mais concretamente da Universidade de Coimbra, Paula Fenta tentou “compreender de que modo o Património motiva ou não os alunos para a aprendizagem dos conteúdos da disciplina”⁹. Devido ao surto de Covid-19, que paralisou o país em março de 2020, a aplicação didática desta autora não chegou a ser posta em prática.

O Instituto de Educação da Universidade do Minho, como já tivemos oportunidade de referir, é outra instituição de ensino onde ao longo dos últimos anos se apresentaram muitos estudos incidindo na temática do nosso relatório de estágio. Ao contrário das investigações da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, neste Instituto é possível encontrar no 2º e 3º ciclos de estudo em ensino várias investigações sobre História Local e Património. Vejamos dois exemplos.

Realizada no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o projeto de investigação de Ana Isabel Araújo procurou aliar o lúdico com a História Local e o Património de Braga. Como justificação para a escolha deste tema, a autora explica que, durante “um dos momentos de observação em que estavam a ser lecionados conteúdos referentes ao passado do meio local, deparei-me com o desinteresse das crianças, fruto do método transmissivo com que estava a ser abordado o tema, com recurso sobretudo ao manual, e também com os conhecimentos escassos que o grupo apresentava relativamente ao passado e ao património da sua região, Braga”¹⁰.

Já Helena Pinto, na sua tese de doutoramento em Ciências da Educação, apresentada à Universidade do Minho em 2016, procurou saber de que forma alunos e professores de História

⁷ Sérgio Couto, *A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História*, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020, p. 2.

⁸ *Idem, ibidem, loc. cit.*

⁹ Paula Fenta, *O Património Histórico como estratégia no Ensino da História. Experiência Pedagógica no 8º e 11ª anos*, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020, p. 10.

¹⁰ Ana Araújo, *Aprender o Património Cultural com diversão: Potencialidades do lúdico no processo de ensino e aprendizagem no 1.º ciclo do Ensino Básico*, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2013, p. 1.

interpretam a evidência de um sítio histórico. O propósito deste estudo é o de contribuir “para uma reflexão sobre a forma como os alunos lidam com a evidência histórica, conceito essencial à natureza do conhecimento histórico, e como professores entendem o uso de fontes patrimoniais na sua prática de ensino de História”¹¹.

No nosso projeto final de estágio pretendemos debruçar-nos sobre a questão das Invasões Francesas, inseridas no domínio *Crescimento e ruturas no mundo ocidental nos séculos XVIII e XIX*, mais concretamente no subdomínio *O triunfo das revoluções liberais das Aprendizagens Essenciais* referentes ao 8º ano. No âmbito deste conteúdo, focámo-nos na problemática das Invasões Francesas em Condeixa-a-Nova e na destruição do Património nesta localidade. Para este efeito, equacionámos uma questão que vai no sentido de compreender *de que forma é que a História Local e o Património ajudam na construção de conhecimento histórico*. O propósito deste estudo é essencialmente educativo pelo que estipulámos três objetivos de trabalho: *confirmar se o trabalho com fontes históricas ligadas à História Local contribui para melhorar o conhecimento histórico; avaliar de que forma a utilização da História Local e do Património poderá influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História e, por último, verificar se o trabalho em grupo sobre História Local e Património promove competências sociais*.

A aplicação didática por nós desenvolvida passou por implementar estratégias pedagógicas que facilitassem a construção de conhecimento histórico e patrimonial pelos estudantes; num primeiro momento, através do contacto com fontes históricas ligadas à história local, de modo a conhecerem o património de Condeixa-a-Nova incendiado aquando da 3.ª Invasão Francesa, em 1811; e, numa fase posterior, levá-los a reconstruir a história daqueles edifícios através de uma imagem interativa, na aplicação *Thinglink*, de modo a consolidarem as aprendizagens realizadas, desenvolverem competências de seleção crítica e apresentarem a informação em ambientes digitais.

Procurámos que a configuração da nossa aplicação didática fosse ao encontro das características da turma que nos foi atribuída, pois, em resultado das observações que fomos fazendo, durante as aulas que presenciámos e que lecionámos, constatámos que os alunos evidenciavam dificuldades de comunicação e expressão escrita, revelando uma maior apetência por se relacionarem apenas com o seu grupo restrito de amigos.

Este estudo estrutura-se em três capítulos. No primeiro — *Contexto socioeducativo* —, caracterizamos a escola e a turma que nos acolheram durante o estágio pedagógico e apresentamos uma reflexão sobre a nossa experiência de professores estagiários. Segue-se o segundo capítulo —

¹¹ Helena Pinto, *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*, Porto, CITCEM, 2016, p. 17.

Enquadramento teórico —, em que (como o seu nome indica) se enquadram teoricamente as temáticas da História Local e do Património, das fontes históricas e do trabalho em grupo. Ao longo deste capítulo, será possível verificar os estudos que nos orientaram na construção das diversas etapas da nossa aplicação didática. O terceiro e último capítulo incide sobre a nossa proposta de aplicação didática. Descrever-se-ão as atividades didáticas por nós desenvolvidas e os instrumentos de recolha de dados usados para atingir os objetivos do nosso estudo.

Capítulo 1. Contexto socioeducativo

1.1. A escola

Localizada no concelho de Condeixa-a-Nova, junto à Biblioteca Municipal Engenheiro Jorge Bento, a Escola Básica n.º 2 de Condeixa-a-Nova acolheu um dos vários Núcleos de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, tendo em vista a realização da Prática Pedagógica Supervisionada.

O referido estabelecimento de ensino integra o Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, sediado na Escola Secundária Fernando Namora, freguesia de Condeixa-a-Nova. Esta unidade organizacional é composta por 12 estabelecimentos de ensino: quatro jardins de infância (Avenal, Ega, S. Fipo e Sebal), quatro escolas básicas com 1.º ciclo (Anobra, Belide, Ega e Sebal), duas escolas básicas com educação pré-escolar e 1.º ciclo (EB n.º 1 e EB n.º 3), uma escola básica com 2.º e 3.º ciclos (EB n.º 2) e uma escola secundária (Escola Secundária Fernando Namora). Estes estabelecimentos de ensino apresentam uma dispersão geográfica pouco significativa, sendo que as unidades que se encontram mais afastadas não ultrapassam os 6 Km de distância de Condeixa-a-Nova e têm como denominador comum o facto de serem escolas de pendur rural, uma vez que os alunos que as frequentam são originários, na sua maioria, das aldeias das sete freguesias do município. No ano letivo 2020/2021, a população escolar deste Agrupamento de Escolas era composta por 1904 alunos, distribuídos da seguinte forma: 252 da educação pré-escolar (11 grupos); 463 do 1.º ciclo (23 turmas); 326 do 2.º ciclo (14 turmas); 507 do 3.º ciclo (23 turmas); 296 do ensino secundário Cursos Científico-Humanísticos (13 turmas) e 60 alunos de cursos profissionais do ensino secundário com dupla saída (2 turmas de dupla saída Curso Técnico de Turismo e Técnico de Eletrónica Automação e Comando; 1 turma de dupla saída Curso Técnico de Redes Elétricas e Técnico de Apoio Psicossocial) ¹².

A Escola Básica n.º 2, à semelhança dos restantes estabelecimentos de ensino, está dotada de espaços de apoio aos alunos. Além da Biblioteca Escolar, inserida na Rede de Bibliotecas de Condeixa-a-Nova, existem professores especializados que prestam auxílio a alunos com Necessidades Educativas Especiais. É também relevante enfatizar as atividades para preencher os tempos livres dos discentes, nomeadamente o A.T.L e os diversos clubes existentes, entre os quais destacamos a Fanfarra de Música, o Desporto Escolar e o Laboratório de Ciências Experimentais.

¹² *Projeto Educativo 2021/2024*, Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, 2021, pp. 6-7. Documento disponível em: http://aecondeixa.pt/wp-content/uploads/2021/03/PROJETO_EDUCATIVO_2020_2024_V2.pdf, acedido em 24-06-2021.

Nas salas de aulas, tanto docentes como discentes usufruem de recursos digitais e ligação à internet.

1.2. Caracterização da Turma

A turma que nos acolheu, 8.º W, era constituída por 24 alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 13 anos (a maioria com 13 anos), dos quais 15 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Nenhum dos alunos apresentava retenções no seu percurso escolar. No entanto, verificámos que, em anos anteriores, quatro elementos tiveram necessidade de diferenciação pedagógica ou acomodações curriculares e foram alvo de intervenções com foco académico ou comportamental, em pequeno grupo. Não houve qualquer registo de comportamentos inadequados, sendo considerada, em termos globais, uma turma calma e com um aproveitamento razoável, apesar de termos verificado algumas dificuldades de interpretação e de expressão oral e escrita. À exceção de um elemento da turma, residente no lugar de Assafarge, a totalidade dos discentes habitavam no concelho de Condeixa-a-Nova, distribuindo-se pelas seguintes freguesias: 12 na União de Freguesias de Condeixa-a-Nova; 4 na União de Freguesias do Sebal e Belide; 4 na Anobra; 2 na Ega; 1 na União de Freguesias de Vila Seca e Bem da Fé.

1.3. Reflexão sobre a Prática Pedagógica Supervisionada

Concluído o ano de estágio pedagógico, consideramos pertinente refletir sobre o que foi feito, de que modo foi feito e sobre aquilo que deve ser melhorado.

O nosso estágio teve início a 29 de setembro de 2020. Para nós, esta foi a primeira experiência na docência. Tivemos a companhia dos nossos colegas, Leonardo Ferreira e Regina Pascoal, com quem partilhámos as dificuldades de adaptação a esta nova fase da vida, mas também um excelente ambiente de trabalho. No âmbito da prática pedagógica, no início do 1.º período ficou definido um conjunto de propostas e atividades letivas no Plano Individual de Formação¹³.

Chegados à escola, a nossa professora orientadora, Catarina Gomes, sorteou pelos três estagiários a turma que caberia a cada um, tendo-nos ficado afeta (como já foi referido) uma turma do 8.º ano, enquanto a cada um dos outros dois colegas coube uma turma de 7.º ano. Paralelamente à prática letiva desenvolvida com as turmas do 8.º e 7.º anos, foi dada a possibilidade aos

¹³ Em anexos, ver: Anexo I – *Plano Individual de Formação*.

estagiários de assistirem às aulas da orientadora de escola, nas outras turmas que integravam o seu serviço letivo (5º, 7º e 8º anos).

Quando chegámos à escola, as planificações a médio e longo prazo já haviam sido elaboradas. As planificações a curto prazo da turma que nos foi afeta, entregues à orientadora com uma semana de antecedência da aula lecionada, seguiram o modelo e planificação que nos foi apresentado no 1.º ano deste ciclo de estudos, na unidade curricular de Construção do Ensino e da Aprendizagem em História. Na elaboração das planificações, procurámos sempre ter em conta os conteúdos a lecionar, o tempo de cada sessão (50 minutos), o perfil da turma e os recursos a disponibilizar que foram produzidos por nós (apresentações, fichas documentais, fichas de trabalho, esquemas, exercícios, etc.)¹⁴.

A nossa prática letiva foi iniciada duas semanas após o início do estágio. De modo que nos habituássemos à turma que nos foi afeta, a orientadora de estágio incumbiu-nos de prepararmos pequenas apresentações, de aproximadamente 15 minutos, sobre a matéria que estava a ser lecionada naquele momento. No mês de novembro, iniciámos de forma oficial as nossas funções enquanto responsáveis pelas turmas, sendo que nós, na nossa turma, assegurámos 31 aulas, ao longo do ano letivo. Sempre que planificámos uma aula, a nossa principal preocupação passou por assegurar um correto domínio científico das temáticas a lecionar. No que concerne ao nosso desempenho em contexto de sala de aula, realçamos a persistência da nossa orientadora de escola nos períodos de reflexão e avaliação que ocorriam após os nossos momentos de leção, para corrigirmos alguns aspetos. Dos muitos conselhos que nos foram transmitidos, destacamos a necessidade de uma boa projeção de voz, contrariando o carácter monocórdico, de evitar fazer longas exposições orais e diminuir a circulação na sala de aula. Para complementar a nossa reflexão sobre a experiência em contexto de sala de aula, é relevante realçar que a turma se mostrou sempre interessada, empenhada e participativa na realização das tarefas propostas por nós.

Além da prática letiva, cada um dos estagiários elaborou, sob supervisão da orientadora, instrumentos de avaliação sumativa para a turma atribuída (testes de avaliação, matrizes, critérios de correção e posterior correção)¹⁵. Na elaboração dos testes, procurámos ter em consideração as características dos alunos, tendo sido realizados testes adaptados para alunos abrangidos por medidas adicionais. Na qualidade de estagiários, ainda nos foi dada a oportunidade de assistirmos a reuniões intercalares, conselhos de turma e de avaliação final da turma a nós afeta. A possibilidade de podermos estar presentes neste tipo de reuniões revelou-se de extrema

¹⁴ Em anexos, ver: Anexo II – *Exemplo de uma planificação por nós elaborada*.

¹⁵ Em anexos ver: Anexo III – *Exemplo de uma ficha de avaliação por nós elaborada*.

importância, pois conhecemos professores de outras disciplinas, percebemos como é o seu comportamento durante estes momentos, quais as estratégias que implementavam na turma e como solucionaram questões relacionadas com o aproveitamento dos discentes. Além destas reuniões, participámos nas sessões do Departamento de Ciências Humanas e Sociais.

A suspensão das aulas presenciais, devido a uma nova vaga de Covid-19 no início do 2º período, obriga-nos a tecer algumas considerações sobre o período de ensino remoto e digital. O facto de terem existido duas semanas de pausa letiva no final de janeiro ajudou a que o Núcleo de Estágio tivesse tido tempo suficiente para se adaptar à nova realidade. Ao longo das duas semanas a orientadora de estágio foi dando orientações sobre a metodologia que deveríamos adotar pois, desde cedo, fomos informados que o Agrupamento de Escolas optaria por não alterar o horário escolar, levando a que as aulas ocorressem sempre em registo síncrono (aulas em que professores e alunos mantêm em contato no mesmo ambiente virtual). Nos primeiros dias de fevereiro iniciámos esta experiência, sendo que num primeiro momento tivemos oportunidade de observar as aulas síncronas que a professora orientadora Catarina Figueiredo lecionou a todos os níveis de ensino que lhe estavam afetos. Já na segunda quinzena de fevereiro tivemos a possibilidade de voltar a lecionar e a assegurar as aulas da turma que nos havia sido atribuída. Tendo em conta que as aulas síncronas mantinham a mesma duração do regime presencial (50 minutos), e sabendo que os alunos se viam confrontados com este modelo em todas as disciplinas, ficou definido pela orientadora de estágio que deveríamos adotar pela simplicidade na lecionação dos conteúdos. Perante esta recomendação, ao planificarmos as aulas, definimos que nos primeiros 15 minutos das sessões seria vantajoso recorrer a pequenos vídeos e imagens sobre a matéria que iria ser lecionada, reservando o restante tempo para a realização de fichas de trabalho de consolidação e no final a sua correção, seguida de esclarecimento de dúvidas. Na plataforma *Google Classroom*, que era utilizada por nós desde o início do ano letivo, tivemos a possibilidade de distribuir e rececionar fichas e materiais de trabalho, assim como trocar contato através de mensagens privadas com alunos para esclarecer dúvidas.

É importante tecer algumas considerações sobre o modelo de aulas síncronas. Entendemos que, este nos permitiu manter o contato semanal com os alunos, o que é imprescindível para se poder avaliar a evolução, no entanto, somos críticos da carga de horas com que os alunos se viam obrigados a estar presentes em frente a um ecrã, o que fazia com que os níveis de desatenção e cansaço fossem elevados. No capítulo dedicado à nossa aplicação didática voltaremos a focar-nos na questão do ensino remoto emergencial e nas consequências que teve no nosso estudo.

Toda esta situação fez com que o Núcleo de Estágio não conseguisse implementar qualquer tipo de atividade já planeada ao longo do 1.º período. Destas atividades destacamos a realização

de três aulas-oficinas para toda a comunidade escolar, a realizar à quarta-feira, no período da tarde, onde se iriam criar atividades didáticas usando os temas de relatório de estágio de cada um dos estagiários.

Terminamos esta reflexão expressando um sentimento de vitória face ao trabalho desenvolvido. Consideramos que a experiência de Estágio foi positiva, tendo decorrido sem perturbações. Esta etapa foi fundamental para nos apercebermos dos obstáculos, estímulos, assim como as dinâmicas do funcionamento de uma Escola e de uma sala de aula. Quanto à primeira destacamos a boa organização interna da Instituição de Ensino que nos acolheu, sendo de realçar a organização a disponibilidade demonstrada pela sua direção em nos auxiliar sempre que assim o entendêssemos. No entanto, sabemos que no decorrer da nossa prática profissional iremos ser confrontados com estabelecimentos de ensino que possuem estruturas internas muito complexas e desarticuladas, face ao que encontrámos no decorrer do estágio. Relativamente ao contexto específico da sala de aula, constamos que são várias as dificuldades que um docente tem de ultrapassar no decurso do trabalho com as turmas que lhe estão afetas, nomeadamente: a necessidade de diversificar a lecionação dos conteúdos; tentar que os seus alunos se sintam envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e ter capacidade para mobilizar a participação dos discentes nas aulas. Não podemos deixar de fora desta reflexão, pois o pouco tempo semanal atribuído à disciplina de História, no nosso caso 100 minutos semanais (duas aulas de 50 minutos), revela-se um entrave no desenvolvimento dos três pontos referidos. Por outro lado, vemos como um estímulo a progressão dos alunos ao longo do ano letivo, durante o qual tivemos a oportunidade de observar o aumento do empenho e interesse da turma que nos foi afeta.

No nosso entender, foi conseguida uma boa integração e adaptação, tendo sido estabelecida uma boa relação pedagógica com todos os alunos, docentes e assistentes operacionais. Consideramos que o estágio nos revelou que a opção pela profissão de docente há muito deveria ter sido a escolha a efetuar no nosso percurso.

Capítulo 2. Enquadramento teórico

2.1. História Local, Património e as suas aplicações didáticas: porquê?

No que respeita ao processo educativo de um cidadão, é na escola que se deve materializar o conhecimento em torno da História Local e do Património. No século XXI, um dos pilares desta instituição é o próprio meio onde está inserida e as relações estabelecidas com ele. Para construir estas relações e para “moldar” os seus alunos, a fórmula utilizada pelos docentes não deve ser apenas o ensino dos conteúdos académicos, sendo necessário procurar uma educação interdisciplinar que lhes permita absorver outro tipo de valores. Destes, e tendo por base o estudo sobre *Educação Patrimonial* realizado por Ana Duarte, destacamos dois: “Conhecimento dos modos de vida, pensamento e história da região em que a escola está inserida” e “Preservação, protecção e animação do património material e imaterial”¹⁶.

No ensino da História, as questões relacionadas com o “Local” e o “Património” possuem uma dimensão didática que deve ser utilizada e estimulada pelos docentes. Como refere Luís Alberto Marques Alves, o uso desta temática na sala de aula será uma forma de “potenciarmos a formação de cidadãos conscientes, é favorecermos a competência histórica é garantirmos uma função social e individual para a História”¹⁷.

Sílvia Araújo, no seu relatório de estágio, argumenta que:

“escolas e professores devem preocupar-se cada vez mais em transmitir e explorar de forma ativa a história das comunidades locais. Só assim se pode transmitir aos jovens a crença que o seu espaço mais pequeno e mais próximo, as gentes mais modestas, os heróis menos conhecidos também tiveram um espaço na História; só assim se pode encaminhar os alunos para a descoberta da identidade local como fator de integração, desenvolvimento e afirmação”¹⁸.

A escola, através dos docentes que a constituem, deve ser um veículo de aprofundamento da consciência de defesa do Património e de combate aos “espíritos” destruidores deste bem identitário comum. Esta ideia é defendida por Jorge Pais da Silva que, citado por Pedro Gomes Barbosa, defende que o primeiro local “de defesa activa do património *histórico-artístico* situa-se nos bancos das escolas de todos os níveis, do escalão pré-primário até ao superior. Impõe-se,

¹⁶ Ana Duarte, *Educação Patrimonial. Guia para Professores, educadores e monitores de museus e tempo livres*, Lisboa, Texto Editora, 1993, p. 14.

¹⁷ Luís Alberto Marques Alves, “A história local como estratégia para o ensino da História”, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, 2006, vol. 3, Porto: Universidade do Porto, p. 65.

¹⁸ Sílvia Araújo, “*Só se ama o que se conhece...*”: contributos da História local no Ensino da História, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017, p. 49.

portanto, a integração graduada de matéria da especialidade nesses diferentes níveis como elemento da formação cultural e cívica do cidadão”¹⁹. Também José Amado Mendes defende que a presença do Património na educação “constitui um importante meio de consolidação e concretização no processo ensino-aprendizagem – tornando-o menos livresco e mais vivo –, no que toca a várias disciplinas ou domínios do saber”²⁰.

A valorização e proteção do Património é um dos temas que mais se tem vindo a destacar nas últimas décadas, tanto a nível local como a nível escolar e académico. O interesse em torno deste tema é o resultado da aposta dos municípios e regiões de Portugal na valorização histórica e cultural. Desde já, achamos ser nosso dever contornar a ideia clássica de apenas os “grandes monumentos” se considerarem Património. Não obstante o nosso projeto didático se centrar nos edifícios históricos de Condeixa-a-Nova, temos que referenciar que os estudos sobre Património têm levado ao surgimento de variadas designações e tipificações. O objetivo desta teorização não é proceder à apresentação destas especificidades, mas queremos deixar claro que entendemos por Património todos os bens materiais e imateriais que possuam interesse para a sociedade. Convém, por isso, dar relevo à “herança cultural popular, traduzida em inúmeras manifestações e objectos com que, quotidianamente, nos deparamos”²¹.

É preciso olhar para o Património como algo que nos pode colocar em contacto direto com o passado, pois ele advoga para si “um papel relevante e insubstituível enquanto referencial observável que permite obter respostas para muitas questões relativas às sociedades que nos precederam”²². A juntar a isto não podemos esquecer a importância de se salvaguardarem edifícios e instalações industriais, que nos dias que correm se apresentam como uma das principais preocupações das políticas urbanas. A propósito de muitos destes espaços deixados ao abandono, Vítor Serrão refere serem “ruínas silenciosas mas ainda cheias de vozes que as habitam, migalhas de tempos arcanos que ainda sussurram fios de histórias, que põem perguntas e nos convidam a saber mais”²³.

Sobre o que acabamos de expor, vale ainda a pena evidenciar o pensamento de Érica Almeida e Glória Solé, para quem o Património “não deve ser compreendido como uma reserva ou recordação do mesmo, limitando-se a auxiliar na compreensão histórica dos principais factos

¹⁹ Pedro Gomes Barbosa, “Preservação e Memória”, in *O Património Local e Regional. Subsídios para um trabalho transdisciplinar*, Lisboa, Departamento do Ensino Secundário, 1998, p. 25.

²⁰ José Amado Mendes, *Estudos do Património: Museus e Educação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 190.

²¹ António Pedro Manique, Maria Cândida Proença, *Didática da História. Património e História Local*, Lisboa, Texto Editora, 1994, p. 56.

²² *Idem, ibidem*, p. 55.

²³ Vítor Serrão, “Portugal em ruínas: uma história cripto-artística do património construído”, in Silva, Gastão de Brito e, *Portugal em ruínas*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, p. 13.

da História, assim como, não deve ser rejeitado como algo que já não faz parte do nosso presente”, mas sim como “um legado das gerações antepassadas, que merece ser cuidadosamente preservado e valorizado, permitindo salvaguardá-lo para as gerações futuras”²⁴.

É, por isso, importante reter que tanto a valorização como a defesa do Património devem passar:

“antes de mais, pela educação, pela sensibilização das jovens gerações para a preservação dos bens patrimoniais que constituem suportes da memória colectiva nacional e do seu quadro de referências e valores. Ao desprezo ainda evidenciado pelos poderes públicos tem que opor-se o zelo dos cidadãos na defesa do que a todos pertence. Ora, a Escola desempenha um papel insubstituível nesta matéria, ao formar cidadãos conscientes das acções que devem empreender, ao nível local, relativamente à preservação do riquíssimo património cultural português”²⁵.

Realizar um trabalho didático com os alunos sobre o Património Histórico de uma determinada região pode ser uma forma de os levar a ter uma “experiência única de contacto direto, vivencial, com diferentes tipologias de património e iniciá-los na leitura dos bens patrimoniais, a níveis cada vez mais sofisticados, são práticas educativas com enormes potencialidades”²⁶. No entanto, é importante ter a noção de que para o Património alcançar uma importância didática durante a atividade pedagógica, deve ser disponibilizada uma melhor formação aos docentes em educação patrimonial, devendo igualmente ocorrer uma maior integração desta temática nos programas curriculares. Isabel Barca defende ainda que este tipo de atividades “envolve não só a consideração do património específico no seu meio cultural próprio (o ‘nosso’ é quase sempre mais significativo pela emoção que carrega) como também a valorização da diversidade transcultural e a apreciação das realizações e dos espaços de outras culturas e ambientes”²⁷.

Na documentação e legislação produzida pelas diversas entidades que se debruçam sobre a problemática da educação em Portugal, encontramos várias referências sobre a História Local e o Património. No seu artigo 3.º (*Princípios organizativos*), a *Lei de Bases do Sistema Educativo* é

²⁴ Érica Almeida; Glória Solé, “Aprender História através da exploração do Património Local como recurso didático: uma experiência em Educação Patrimonial com alunos do 5.º ano de escolaridade”, in *Livro de actas del VII Simpósio Internacional de Ciencias Sociales, educación y futuro. Investigaciones en Didáctica e las Ciencias Sociales*, Universidade de Santiago de Compostela Santiago de Compostela, 2016, p. 538. Texto disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/53133>, acessado em 18-11-2020.

²⁵ António Pedro Manique, Maria Cândida Proença, *Didáctica da História. Património e História Local*, cit., p. 54.

²⁶ Helena Pinto, *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*, cit., p. 146.

²⁷ Isabel Barca; Glória Solé; Helena Pinto; Ramón Lopez Facal; Tània Martínéz; Miquel Sabaté, *Educação histórica e educação patrimonial- novos desafios*, in *II Seminário Internacional de Educação Patrimonial – Contributos para a construção de uma consciência patrimonial*, Centro de Investigação em Educação, Universidade Minho, 2014, p. 65. Texto disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/53131>, acessado em 09-07-2021.

muito clara quando refere que o sistema educativo passa por contribuir “para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo português, no quadro da tradição universalista europeia e da crescente interdependência e necessária solidariedade entre todos os povos do Mundo”²⁸.

Mais à frente, no artigo 7.º da secção I (*Objetivos*), encontramos duas alíneas que podem ser interpretadas como indicações para o desenvolvimento destas questões: “desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e culturas portuguesas” e “proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante”²⁹.

Apesar de extintas em 2011, também as orientações curriculares do *Currículo Nacional do Ensino Básico* fazem uma apologia da História Local e do Património. Este documento defendia que, ao longo da educação básica, os estudantes deveriam experimentar atividades que implicassem o envolvimento direto com o Património, referindo:

“o contacto/estudo direto com o património histórico-cultural nacional e regional/local, sobretudo artístico, arquitetónico e arqueológico, através de visitas de estudo/trabalho de campo com carácter de recolha, exploração e avaliação de dados; o intercambio com instituições políticas, sociais, cívicas, culturais e económicas, numa perspetiva interventiva no meio em que a escola se insere, que permita a aplicação dos saberes históricos em situações próximas do real (colaborações em festejos e comemorações; intervenção em programas culturais e turísticos da comunidade, etc.)”³⁰.

O *Decreto-Lei n.º 137/2012*, que procede à segunda alteração do regime jurídico de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, também não esquece este tema. Na alínea f) do artigo dedicado às competências do Conselho Pedagógico (artigo 33.º), é definido que este pode: “Propor aos órgãos

²⁸ *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Diário da República Eletrónico, 1986, p. 2. Documento disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/.lc/70328402/202011281456/exportPdf/maximized/1/cacheLevelPage?rp=indice>, acedido em 30-11-2020.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 4.

³⁰ *Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais*, Ministério da Educação, Lisboa, 2001, p. 91. Documento disponível em: http://cefopna.edu.pt/portal/images/documentos/Curriculo_Nacional_EB.pdf, acedido em 30-11-2020.

competentes a criação de áreas disciplinares ou disciplinas de conteúdo regional e local, bem como as respetivas estruturas programáticas”³¹.

Já a inclusão do estudo da História Local no 3.º ciclo do Ensino Básico é referida no *Documento de Apoio às Metas Curriculares de História (3.º Ciclo do Ensino Básico)*, que é muito explícito quanto a este tema, pois sugere que, durante a lecionação dos conteúdos curriculares, os docentes “devem, igualmente, dar relevância à abordagem regional e/ou local aquando do tratamento do processo histórico”³². Para Margarida Lucena, que cita o *Despacho n.º 124/91, de 31 de Julho*, no que concerne ao ensino da disciplina em causa, tal inclusão pode ir ao encontro de duas das suas finalidades:

“Proporcionar o alargamento do horizonte cultural e a compreensão do mundo contemporâneo e da realidade portuguesa, através do desenvolvimento de noções operatórias e da aquisição de conhecimentos sobre a estrutura e evolução das sociedades; Contribuir para a compreensão da pluralidade de modos de vida, sensibilidades e valores em diferentes tempos e espaços”³³.

Também o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, nomeadamente no âmbito da Sensibilidade Estética e Artística exige que, entre as competências a que está associada, os estudantes sejam capazes de “valorizar o papel das várias formas de expressão artística e do património material e imaterial na vida e na cultura das comunidades”³⁴. Assim, podemos interpretar estes princípios como uma abertura para a lecionação de questões relacionadas com o Património nos vários graus de ensino. Não obstante estas indicações, em Portugal, o tratamento destes assuntos não é exclusivo de nenhuma área curricular específica. Perante isto, Helena Pinto defende que não havendo possibilidade, no atual contexto, “da integração da educação patrimonial como corpo disciplinar autónomo no currículo, parece ser fundamental o papel da disciplina de História (...), na sua implementação e aplicação em atividade escolares”³⁵.

³¹ *Decreto-Lei n.º 137/2012*, Ministério da Educação e Ciência, Diário da República, n.º 126/2012, p. 3358. Documento disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/178527/details/maximized>, acedido em 20-12-20.

³² *Documento de Apoio às Metas Curriculares de História (3.º Ciclo do Ensino Básico)*, Ministério da Educação e Ciência, Governo de Portugal, 2013, p. 3. Documento disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc_de_apoio_mc_de_historia_final.pdf, acedido em 28-10-2019.

³³ Margarida Lucena, “Potencialidades didáticas do Património e da História Local: um caso para a margem esquerda do Tejo”, in *História Local e Ensino da História- duas propostas para exploração pedagógico-didática*, Cadernos Pedagógico-Didáticos, n.º 20, Lisboa, Associação de Professores de História, 2000, p. 13.

³⁴ *Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Ministério da Educação, Governo de Portugal, 2017, p. 28. Documento disponível em https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf, acedido em 09-07-2021.

³⁵ Helena Pinto, *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*, cit., p. 143.

Ao estipularem que se concilie o “saber” e o “saber fazer” e que se desenvolva a componente investigativa ou que os alunos tenham a consciencialização dos problemas do espaço em que se encontram inseridos, os programas da disciplina de História facilitam a existência de uma orientação para o estudo dos fenómenos locais como forma de fortalecer a sua capacidade de análise crítica perante a realidade envolvente da escola, o que tende a facilitar a estruturação do seu pensamento histórico e, de certa forma, acaba por lhes fornecer um quadro de referências que os auxilia a ter noção do lugar que ocupam no processo de evolução espaço-temporal da comunidade local, regional e nacional.

Apesar de existir este “encaminhamento”, não podemos deixar de evidenciar que a historiografia escolar se tem limitado a transportar para os alunos aquilo a que Cândida Proença e António Pedro Manique definem como “memória nacional”, que é “apresentada como memória coletiva de todo o povo, mas que não passa da memória das suas elites”³⁶. Na nossa opinião, é cada vez mais importante que tanto os programas escolares como o processo de ensino-aprendizagem venham a assimilar assuntos relacionados com questões locais e patrimoniais.

Outro entrave ao desenvolvimento da abordagem em torno desta temática é o desconhecimento por parte dos professores da localidade ou região onde exercem funções. Na maioria dos casos, esta situação ocorre porque o docente não é natural da zona onde leciona ou porque a sua situação profissional o leva a mudar de estabelecimento de ensino todos os anos letivos, o que o impossibilita de se estabelecer numa escola durante um período de tempo razoável que lhe permita conhecer e criar laços com a comunidade local.

Do ponto de vista pedagógico, uma abordagem da temática em estudo pode representar uma dupla faceta: permite desempenhar “um papel decisivo na construção de memórias que se poderão inscrever no tempo longo, médio ou curto, favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade da relação”, assim como contribuir para a identificação “que ajuda a construir uma identidade, num espaço ou grupos sociais mais limitados”, em vez de “situações espaciais mais latas que adquirem um carácter cada vez mais abstracto”³⁷. Ainda em relação à questão pedagógica, a abordagem de conteúdos acerca da História Local ajuda a contornar o “erro grosseiro de se considerar o nacional como um todo homogéneo, o que, em termos de investigação científica, produz uma perceção desfocada e distorcida da dinâmica das sociedades”³⁸.

³⁶ António Pedro Manique, Maria Cândida Proença, *Didática da História. Património e História Local*, cit., p. 24.

³⁷ *Idem; ibidem*, p. 25.

³⁸ *Idem; ibidem, loc. cit.*

Assim, enquanto recurso didático, a História Local e o Património podem fazer com que os alunos se motivem pois podem “realizar actividades sobre temas que lhes despertem o interesse, pela sua relação com um passado de que ainda reconhecem os mais variados vestígios”; por outro lado, facilitará o desenvolvimento de “capacidades intelectuais como a análise, enquanto classifica, compara e discrimina os diversos dados obtidos na investigação”, o que, conseqüentemente, fará com que tenham uma correta “compreensão do passado da localidade onde vive, permitem que o aluno se insira e compreenda melhor a sociedade de que faz parte e na qual virá a intervir”³⁹.

Para realizar um proveitoso estudo de História Local é conveniente que o docente tenha conhecimento dos arquivos e bibliotecas municipais e museus do local estudado. Alguns autores, como é o caso de Jorge Alarcão, têm publicado obras que pretendem fornecer instrumentos essenciais para a realização de um bom trabalho de recolha de fontes, produção de investigação e inventariação de património. Para tal, Alarcão aconselha que se utilizem os “arquivos municipais, muitas vezes anexos às bibliotecas ou aos museus, arquivos próprios dos ministérios, de instituições como hospitais, misericórdias, tribunais, alfândegas, de bibliotecas públicas”⁴⁰.

Nos espaços a que já aludimos, os professores têm ao seu dispor múltiplas fontes que lhes permitem preparar e conceber diversos trabalhos sobre aspetos fragmentários da realidade histórica, pois o critério de totalidade nada tem a ver com a ideia de que a investigação deve incorporar todos os acontecimentos históricos e sociais de uma determinada época.

Existe uma variedade de fontes arquivísticas locais que possibilitam a realização de múltiplos trabalhos de investigação para posteriormente serem apresentados em sala de aula. Destacamos os *testamentos*, pois podem fornecer informação relevante sobre a estrutura económica de uma localidade, bem como das mentalidades. Também os *livros do dízimo* são importantes para a recolha de dados referentes à evolução da produção agrícola nos aspetos quantitativos e qualitativos. Apesar de a sua utilização se cingir apenas à época Contemporânea, vale a pena realçar a importância da imprensa local. Sempre que recorrerem a esta fonte, os docentes devem fazer com que os seus discentes consigam interpretar os seguintes itens: a influência da orientação política, a sua caracterização, o período em que foi publicada, a forma como um determinado assunto é apresentado, a ilustração e o tipo de letra.

Os professores devem ter a noção de que o contacto com este tipo de fontes não pode ser apenas um momento para se aprofundarem conhecimentos sobre as personalidades,

³⁹ *Idem; ibidem*, p. 27.

⁴⁰ Jorge Alarcão, *Introdução ao estudo da História e Patrimónios Locais. Cadernos de Arqueologia e Arte* 2, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, 1988, p. 15.

acontecimentos ou espaços, pois é importante que se desenvolvam outro tipo de competências. A função dos docentes deve passar por levar os alunos a “construir a sua interpretação sobre essas fontes históricas, relacionando-as com a sua aprendizagem no momento e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, mas também é desejável que eles formulem questões investigativas e hipóteses explicativas acerca do passado de um objeto, edifício ou sítio”⁴¹.

É necessário entender que a nossa opção por este tema de trabalho se prende por este tipo de espaços constituírem referências e âncoras da memória local, que são cada vez mais necessárias numa sociedade em constante mutação. A preservação de certas imagens identitárias das cidades, vilas e aldeias revela-se imprescindível para conhecer o passado local.

2.2. Fontes históricas enquanto instrumento que permite melhorar conhecimento Histórico

Como já indicámos na introdução, um dos objetivos deste estudo é *confirmar se o trabalho com fontes históricas ligadas à História Local contribui para melhorar o conhecimento histórico*. No que diz respeito ao 3.º ciclo, nível que nos foi atribuído, decorre das competências essenciais que, no final desta etapa, os alunos possam: “Compreender a necessidade das fontes históricas para a produção do conhecimento histórico” e “Utilizar adequadamente fontes históricas de tipologia diversa, recolhendo e tratando a informação para a abordagem da realidade social numa perspetiva crítica”⁴². Face a estes objetivos, apresentaremos uma súmula sobre fontes históricas e a importância da sua utilização em contexto de sala de aula.

É através do recurso a documentos, também chamados fontes históricas, que se faz a História. Como refere Maria Gorete Moreira, ela “é o fruto da interpretação de fontes, que fornecem a evidência sobre os pensamentos e actos do homem no passado e, como tal, não existe História sem fontes”⁴³. São as fontes primárias que permitem criar uma relação entre aquilo a que chamamos realidade e o conhecimento sobre ela. Elas são utilizadas pelos historiadores por forma a alcançarem resultados científicos, mas, durante o processo de ensino e aprendizagem, os professores também as devem utilizar.

É, por isso, importante que a atuação do docente não se circunscreva apenas à transmissão de conhecimento. Para este efeito, ele deve recorrer a estratégias motivadoras e apoiadas na análise

⁴¹ Helena Pinto, *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*, cit., p. 148.

⁴² *Documento de apoio às aprendizagens essenciais de História (3º Ciclo do Ensino Básico)*, Ministério da Educação, Governo de Portugal, 2018, pp. 2-3. Documento disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc_de_apoio_mc_de_historia_final.pdf acedido em 20-12-2020.

⁴³ Maria Gorete Moreira, *As fontes históricas propostas no manual e a construção do conhecimento histórico: um estudo em contexto de sala de aula*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Supervisão Pedagógica em Ensino da História, apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2004, p. 41.

de fontes históricas. É fundamental que estas fontes forneçam aos alunos evidências do passado, que possibilitem a construção de explicações sobre os assuntos históricos estudados. Para tal, deve existir um contacto com todo o tipo de fontes, procedendo-se à distinção entre fontes primárias e secundárias, fontes historiográficas ou de âmbito ficcional.

No seu estudo sobre o uso das fontes históricas enquanto ferramentas de produção de conhecimento histórico, Érica Xavier considera que “o professor assume uma função mediadora na sala de aula, uma vez que ao ensinar história não reproduz o conhecimento, mas transmite a sua própria representação da história sobre determinados conteúdos”⁴⁴. É, por isso, essencial que os professores vejam o recurso à utilização de fontes históricas como uma ferramenta pedagógica em contexto de sala de aula.

Os diversos estudos sobre cognição histórica que têm vindo a ser realizados e que são norteados pelos princípios de aprendizagem situada “salientam que devemos ensinar os alunos a pensar, a partir das suas ideias tácitas, e este objetivo só pode ser atingido se o ensino da História se basear na iniciação do aluno no método da pesquisa histórica, método com base na interpretação de fontes, em que o aluno manipula dados, compara, aprecia, formula hipóteses e procura conclusões”⁴⁵. A este propósito vale a pena referir o pensamento de Hilary Bourdillon citada por Maria Gorete Moreira:

“usar fontes palpáveis, primárias, e tratar de problemas relacionados com a evidência dá um sentido de realidade que raramente as fontes secundárias transmitem. Trabalhar com documentos da época dá uma visão mais próxima e ajuda-nos a sentir aquilo que estamos a estudar, se forem tratadas com cuidado”⁴⁶.

Quando escolhe uma fonte, o docente deve atender sempre ao perfil dos alunos a que esta se destina. Para isso, precisa de ter em atenção se ela é explícita ou não, se é muito ou pouco extensa, de difícil ou fácil interpretação. É importante que ela forneça elementos que permitam aos alunos responder a questões formuladas de forma oral ou escrita, competindo ao professor orientá-los na sua exploração, nomeadamente “através do levantamento de questões, suficientemente problematizadoras que impliquem o aluno na procura de hipóteses explicativas válidas”⁴⁷.

⁴⁴ Erica da Silva Xavier, “O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador”, in *Antíteses*, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, p. 1098.

⁴⁵ Maria Gorete Moreira, *As fontes históricas propostas no manual e a construção do conhecimento histórico: um estudo em contexto de sala de aula*, cit., p. 47.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 48.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 50.

Como já referimos, o nosso objetivo passou por utilizar fontes primárias, mais concretamente documentos escritos sobre a história do património destruído pelas *Invasões Francesas em Condeixa-a-Nova*. Para muitos autores, a utilização de documentos escritos nas aulas de História “constitui um instrumento de trabalho extremamente interessante, que permite desenvolver com os/as alunos/as esquemas de aprendizagem orientada e, simultaneamente, potencialmente autónoma”⁴⁸. Obviamente que, no exercício de escolha de documentos a utilizar nas aulas, o docente deve tomar algumas precauções: a forma como encara o documento e o lugar que lhe atribui na seleção e preparação dos materiais.

No processo de seleção, deverá ser tida em conta a didática do documento. Naturalmente que o “documento didático não só é uma longínqua reprodução do original, como precisa de ser sujeito a adaptações mais ou menos profundas: seleção de excertos, cortes, simplificação da linguagem”⁴⁹. É fundamental que, no processo de escolha e tratamento, exista sempre uma adequação do documento ao nível etário e à motivação dos alunos, aos objetivos a alcançar, aos conteúdos a estudar e às estratégias em que o seu tratamento e a sua exploração se inserem.

2.3. O trabalho em grupo como estratégia que ajuda a promover competências sociais

O terceiro e último objetivo do nosso estudo pretendeu *verificar se o trabalho em grupo sobre História Local e Património promove competências sociais*.

2.3.1. Trabalho em Grupo

A realização de trabalhos em grupo apresenta-se como essencial numa filosofia metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento. No entanto, a sua concretização nem sempre é aceite, porque, de uma maneira geral, não existe uma cultura de partilha de saber entre os estudantes. A sua implementação deve “ter em conta diferentes estádios de desenvolvimento cognitivo e afectivo dos alunos, respeitar ritmos diferenciados de pensamento e de acção, valorizar processos complexos de pensamento e melhorar a aquisição de competências”⁵⁰. Ana Maria

⁴⁸ Olga Magalhães, “O documento escrito na aula de História: proposta de abordagem”, in *O Ensino da História, Boletim da APH (III série)*, nº 18, Lisboa, Outubro de 2000, p. 22.

⁴⁹ José Augusto Monteiro, *Imaginação e criatividade no ensino da história: o texto literário como documento didático*, Associação Portuguesa de História, Lisboa, 1997, p. 9.

⁵⁰ Maria Helena Pato, *Trabalho de Grupo no Ensino Básico: Guia prático para professores*, Lisboa, Texto Editores, 2010, p. 9.

Pessoa entende que este tipo de atividade “pode ser tão/ou mais produtivo do que o ensino orientado exclusivamente pelo professor. Além disso, permite desenvolver nos alunos uma série de capacidades que a exposição oral/magistral daquele, só por si não consegue atingir”⁵¹.

Maria Helena Pato aponta na mesma direção, defendendo que a sociedade em que vivemos obriga a que exista uma “capacidade de resposta a situações novas; o desenvolvimento de raciocínio, de competências de comunicação (expressão de ideias, argumentação, etc.) e da capacidade de resolução de problemas são imperativos a que o ensino terá que se adaptar”⁵². No seu estudo sobre a relação entre trabalhos de grupo e a adaptação da escola aos alunos, Anastásia Salgado afirma que “o trabalho em equipa tem uma influência benéfica sobre aqueles cuja sociabilização oferece maiores dificuldades”⁵³. A mesma autora defende ainda que “o trabalho de grupo, como método pedagógico activo que é, permite que o aluno se exprima livremente e portanto, com autenticidade”⁵⁴.

Antes de avançarmos, é importante estabelecermos uma distinção entre trabalho de grupo e ensino de grupo. Este último deve ser visto como um método no qual o professor divide a turma em vários grupos. Ele diverge do trabalho de grupo em vários aspetos. O primeiro é o de que a composição dos grupos deve ter em conta a aptidão escolar. Barrington Kaye e Irving Rogers defendem que esta divisão é perfeitamente sensata, pois deve existir uma distinção “entre o papel do professor, cuja tarefa é ensinar, e a papel das crianças, cuja missão é aprender. Em tal situação, a tarefa do professor é considerada activa; é responsável pela preparação e planeamento da lição, bem como pela sua direcção e orientação”⁵⁵. Os alunos devem cumprir as tarefas que o docente lhes solicita. O segundo aspeto que distingue o trabalho em grupo do ensino em grupo é a formação dos grupos. No trabalho de grupo, são os alunos que escolhem o grupo onde desejam estar inseridos, enquanto no ensino de grupo (como já referimos) cabe ao docente a sua formação. Uma outra diferença está relacionada com a questão da autonomia dos grupos. Não representando total liberdade para resolver todas as questões a ele associadas, no trabalho de grupo as atividades são dirigidas pelos seus elementos, enquanto no ensino de grupo o professor detém um papel importante na orientação das tarefas. Feita esta breve distinção, vejamos os pressupostos de um trabalho em grupo.

⁵¹ Ana Maria Pessoa, *Como Organizar um Trabalho de Grupo*, Setúbal, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 1991, p.7.

⁵² Maria Helena Pato, *Trabalho de Grupo no Ensino Básico: Guia prático para professores*, cit., p. 10

⁵³ Anastásia Emília Salgado, *O trabalho de grupo e a adaptação da escola ao aluno*, Lisboa, Edição da Autora, 1974, p. 13.

⁵⁴ *Idem; ibidem, loc. cit.*

⁵⁵ Barrington Kaye; Irving Rogers, *O Trabalho de Grupo nas Escolas Secundárias*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981, p. 42.

Na preparação do trabalho de grupo, o professor deve ter o cuidado de pensar sobre os objetivos que pretende que os alunos alcancem. Assim, é importante refletir sobre o papel que ele deve desempenhar ou sobre os cuidados a ter na formação dos grupos. Durante este processo de preparação da atividade, cabe ao docente apurar se o que está a idealizar é viável para a realização de um trabalho de grupo.

Quanto aos critérios para a formação de grupos, é impossível apresentar um número fixo de grupos e dos seus elementos, pois estes variam de turma para turma e em função dos indivíduos que a constituem. Alguns autores, como Ana Maria Pessoa, apontam no sentido de se determinar “o número mínimo de elementos (não menos de 3) e máximo (não mais de 8-este número já é demasiado); o ideal será a criação de grupos de 4/6 de forma a permitir uma plena participação de todos e uma correcta divisão de tarefas dentro do grupo”⁵⁶. Se, porventura, o número de alunos da turma for elevado, existem duas hipóteses a ter em consideração: número reduzido de grupos, com mais alunos por grupo ou número elevado de grupos, com menos alunos por grupo. Existem vantagens e desvantagens associadas a cada uma destas soluções. Na primeira hipótese, será mais fácil para o professor acompanhar os trabalhos dos grupos e o debate entre eles será mais curto. A outra opção é promotora da coesão entre os elementos dos grupos, o que acaba por criar condições para que ocorra uma maior participação e gosto dos alunos no trabalho do seu grupo.

Uma vez concluída a formação e distribuição dos temas pelos grupos e iniciadas as atividades, o professor deverá ter a função de facilitador, dinamizador e orientador. Ana Maria Pessoa entende que o papel do docente “deve ser o de um observador que anota tudo o que vê em cada grupo de modo a tender para uma maior objectividade na avaliação, que leva o grupo a encontrar as suas soluções, que fornece ajuda quando os alunos estão embaraçados e que encoraja quando detecta erros”⁵⁷. É, por isso, importante que ele estimule os seus alunos “a aceitarem a responsabilidade da sua evolução e a fazerem a sua própria apreciação quanto ao facto de ela ser ou não satisfatória”⁵⁸. Acrescente-se ainda a necessidade de procurar fomentar o diálogo com os alunos, para que eles inovem, usem a imaginação e intensifiquem a dinâmica grupal.

Um fator que pode influenciar, ou prejudicar o êxito de uma atividade deste género é o do tempo a ela destinado. O tempo destinado à realização de um trabalho deste âmbito deve ter em conta o ritmo de cada grupo. A isto acrescentamos a necessidade de se respeitar algumas condicionantes. Em primeiro lugar, é importante que não exista qualquer tipo de pressão em relação ao cumprimento de prazos, pois é essencial que cada grupo tenha tempo para pensar,

⁵⁶ Ana Maria Pessoa, *Como Organizar um Trabalho de Grupo*, cit., p. 11.

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 15.

⁵⁸ Barrigton Kaye; Irving Rogers, *O Trabalho de Grupo nas Escolas Secundárias*, cit., p. 42.

debater e atuar. A concessão de pouco tempo pode contribuir para uma “liderança autocrática, a consolidação da timidez, o acentuar e fomentar de passividades”⁵⁹. Também não convém conceder demasiado tempo, pois pode fomentar um relaxamento por parte dos grupos quando se apercebem de que o prazo de entrega é grande e, por isso, podem abrandar o ritmo de trabalho. Cabe, pois, ao professor definir uma data de entrega, que não seja nem muito curta nem demasiado longa.

Uma vez terminado o trabalho, caberá a cada grupo apresentar perante a turma o resultado final das suas pesquisas. Nesta fase, deverá proceder-se a um debate, onde os vários elementos exponham a sua contribuição para a realização do trabalho. Durante este debate, deve ser estipulado um tempo para cada grupo apresentar o seu trabalho, sendo-lhes dada total liberdade para escolherem o formato da apresentação. O professor deve ser um orientador e dinamizador de um debate que fomente o diálogo entre os alunos da turma, deve também interpor questões e levar os alunos a justificarem raciocínios, podendo igualmente problematizar questões pertinentes surgidas nos grupos.

No final das apresentações, cada grupo deve entregar o trabalho por escrito ao professor, de maneira a poder concluir a avaliação, que deve ter em conta parâmetros qualitativos e quantitativos de apreciação do trabalho.

2.3.2. Competências sociais

Com a realização do trabalho em grupo, pretendemos também melhorar as competências sociais dos alunos da turma que nos foi atribuída. Além dos outros objetivos já mencionados, tentámos verificar se o trabalho em grupo promove competências sociais. Parece-nos que o desenvolvimento deste tipo de tarefas pode ser bastante importante, uma vez que falamos de alunos com um discurso e vocabulário muito limitado, que não intervêm de forma espontânea e têm pouco à-vontade no contexto de sala de aula. De maneira a facilitar a sua realização e porque entendemos ser importante ir preparando os alunos para este tipo de trabalho, foram desenvolvidas atividades para fomentar o diálogo e o debate na turma.

Ainda no 1.º período, em coordenação com a nossa orientadora de estágio, implementámos uma estratégia de cooperação nas aprendizagens, que, além de tentar apelar à participação dos alunos nas aulas, pretendia estimular a criação de relações mais estreitas entre eles, principalmente entre aqueles que não eram tão próximos, mas também entre os que revelavam alguma timidez. Assim, no início de cada aula, solicitávamos a um aluno que colocasse uma questão a um colega,

⁵⁹ Maria Helena Pato, *Trabalho de Grupo no Ensino Básico: Guia prático para professores*, cit., p. 22.

ambos selecionados de forma aleatória. Previamente, explicámos como se iria processar esta iniciativa e referimos que o seu objetivo era fazer com que eles brilhassem nas aulas e, fora delas, partilhassem entre si, na escola ou nos grupos privados que mantêm nas redes sociais, as questões e respostas que poderiam fazer uns aos outros. Sabendo que era impossível implementar esta atividade regularmente, optámos pela sua aplicação quinzenal, nomeadamente entre as aulas que têm um maior espaçamento entre si.

Esta estratégia deve ser olhada como um meio de estreitar as relações entre os estudantes e propiciar o espírito de cooperação entre todos, facilitando a realização do trabalho de grupo, após a lecionação das matérias. Chegámos à conclusão de que esta atividade pode ajudar à concretização do trabalho em grupo e representar uma grande valorização de quem nele participa.

Na nossa opinião, a realização de trabalhos em grupo deve ser olhada como uma ferramenta que pode proporcionar o desenvolvimento da capacidade de exposição de ideias, argumentação e defesa de opiniões. Além disso, pode contribuir para o aumento das competências de diálogo e de camaradagem, que serão certamente uma mais-valia para a sua vida académica, pessoal e social. Sobre a questão das competências sociais vale a pena citar Maria Helena Pato, que entende que podemos ver no trabalho em grupo uma oportunidade de colocar os alunos face a “outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e de reagir”⁶⁰.

⁶⁰ Maria Helena Pato, *Trabalho de Grupo no Ensino Básico: Guia prático para professores*, cit., p. 9.

Capítulo 3. Aplicação Didática

A nossa aplicação didática procurou ir ao encontro da questão de investigação, *compreender de que forma é que a História Local e o Património ajudam na construção de conhecimento histórico*, e dos três objetivos de trabalho: *confirmar se o trabalho com fontes históricas ligadas à História Local contribui para melhorar o conhecimento histórico; avaliar de que forma a utilização da História Local e do Património poderá influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História e, por último, verificar se o trabalho em grupo sobre História Local e Património promove competências sociais*. Para responder à questão de investigação, e de modo a alcançar estes objetivos, foram planeadas atividades que permitissem a recolha de dados. O presente capítulo servirá para apresentar as etapas que guiaram a implementação da nossa aplicação didática, assim como os instrumentos de recolha de dados e os seus resultados.

Como já tivemos oportunidade de indicar na introdução, iniciámos o nosso estudo com a implementação de duas fichas documentais, com o intuito de levar os discentes a contactar com fontes históricas ligadas à História Local e a conhecerem o Património de Condeixa-a-Nova, incendiado aquando da 3.^a Invasão Francesa, em 1811. Na sequência destas atividades entendemos que seria relevante levá-los a aprofundar os conhecimentos que tinham obtido através do contato com as fontes históricas, devendo para o efeito recriar a História do Património apresentado através de uma imagem interativa, na aplicação *Thinglink*, de modo a consolidarem as aprendizagens realizadas, desenvolverem competências de seleção crítica e apresentarem a informação em ambientes digitais.

Apresentamos, de seguida, uma descrição de todas as atividades que implementámos utilizando os registos que fizemos no nosso “diário de bordo”, onde anotámos todas as observações e diálogos relevantes com os alunos em cada uma das atividades. Essenciais para o relato que se segue foram também as respostas dadas pelos discentes às questões das fichas que lhe foram fornecidas.

3.1. Atividade I - Avaliação de conhecimentos prévios dos alunos sobre a História e o Património de Condeixa-a-Nova

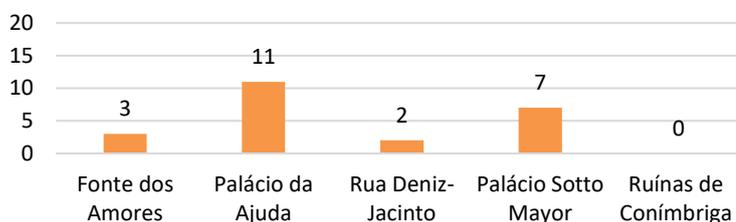
A meio do 1º período, e após definido o tema do nosso relatório de estágio, decidimos distribuir um pequeno inquérito pelos alunos da turma que nos foi afeta no início do estágio,

intitulado *O que sabes sobre Condeixa-a-Nova?*⁶¹, com o intuito de apurar quais eram os conhecimentos que os discentes tinham sobre a História e o Património de Condeixa-a-Nova. Procurámos que o inquérito apresentasse uma linguagem simplificada. Ficou definido que os dados a recolher seriam feitos por via de questões de resposta direta e de seleção (escolha múltipla).

Na realização desta tarefa participaram 23 dos 24 alunos da turma, uma vez que só no final do primeiro período ingressaria na turma mais um aluno, daí não ter participado neste inquérito. Entendemos não o englobar nesta tarefa porque, ao contrário dos outros discentes, que já conhecem de anos anteriores a realidade histórica de Condeixa-a-Nova, esta era-lhe completamente desconhecida.

Em relação ao inquérito, dedicado especificamente à História e Património de Condeixa-a-Nova, a primeira questão pedia aos alunos para que escolhessem, num grupo de cinco opções, qual seria o espaço que não se localiza em Condeixa-a-Nova. Nesta pergunta, com a exceção da resposta *Palácio da Ajuda*, englobámos apenas o nome de edifícios, ruas ou fontes situadas em Condeixa-a-Nova. Optámos por não incluir espaços exteriores da sede do município por forma a não baralhar os alunos. As respostas obtidas foram as seguintes:

Gráfico 1- Resposta à Questão: *Qual dos seguintes espaços não se localiza em Condeixa-a-Nova?*

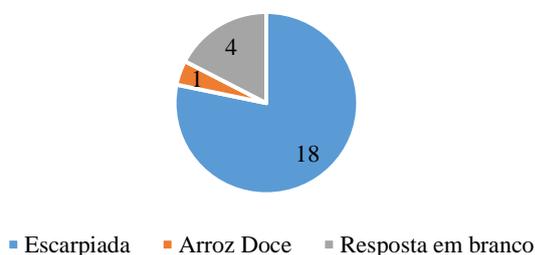


Perante este gráfico ficou perceptível que as Ruínas de Conímbriga foram o único espaço que não obteve nenhuma resposta, possivelmente devido ao facto de os alunos saberem, de forma segura, que se situa em Condeixa-a-Nova, ainda que não signifique que já o tenham visitado. Apesar de representarem a minoria da turma (48%), observámos com muita satisfação o facto de 11 alunos terem escolhido a opção *Palácio da Ajuda*, o que corresponde à resposta correta. A maioria da turma, 12 alunos, como ficou explícito no gráfico, demonstrou não conhecer aprofundadamente o Património existente em Condeixa-a-Nova.

Outro tema que nos interessou aprofundar foi o da gastronomia. Foi por isso que na segunda questão, de resposta aberta, quisemos saber qual o nome do doce típico de Condeixa-a-Nova.

⁶¹ Em anexos ver: Anexo IV – *O que sabes sobre Condeixa-a-Nova?*

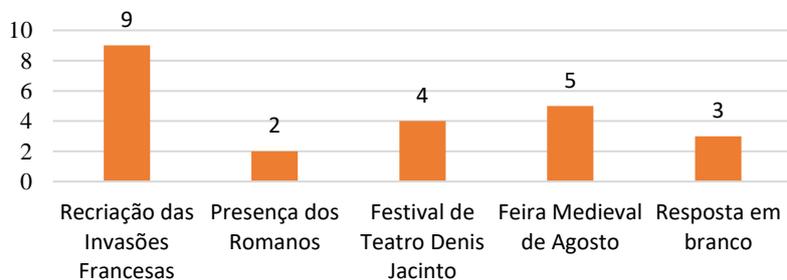
Gráfico 2- Resposta à questão: *O nome do doce que é muito famoso em Condeixa-a-Nova.*



Verificámos que a maioria dos alunos (78%) sabia que a *escarpiada* é o doce típico de Condeixa-a-Nova. Dos 23 alunos, quatro não responderam à questão e um deu como resposta *arroz doce*. Não deixa de ser curioso de constatar, comparativamente com a questão anterior e as seguintes, que a gastronomia regional é um assunto conhecido para os alunos.

Confrontados com uma pergunta de escolha múltipla, sobre qual o acontecimento que não é comemorado em Condeixa-a-Nova, constatámos que os alunos, na sua maioria (18 alunos), não possuíam conhecimentos sobre o nome dos eventos que são oferecidos aos munícipes.

Gráfico 3-Resposta à questão: *Assinala o evento que não é comemorado em Condeixa-a-Nova.*



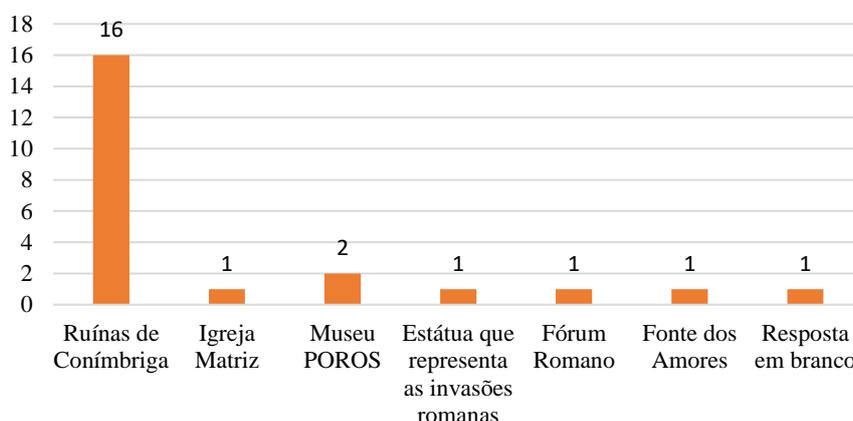
Na nossa opinião, a resposta dos alunos não significou que não frequentassem muitas das comemorações apresentadas na pergunta. A título de exemplo, podemos mencionar os quatro alunos que indicaram que o evento que não ocorre em Condeixa é o *Festival Deniz-Jacinto*. É importante destacar que este evento, de cariz anual, possui um segmento de teatro que é exclusivamente direcionado para o Agrupamento de Escolas. Quando analisámos os questionários e nos demos conta destas respostas, verificámos que algo estava errado, pois acreditávamos que era muito provável que aqueles alunos já tivessem assistido a peças de teatro naquele festival. Fomos falar individualmente com dois dos alunos que deram aquelas respostas e de uma forma clara questionámo-los se eles nunca tinham assistido a nenhuma peça de teatro no edifício onde se realiza aquele evento, quer tenha sido com os pais ou através da escola. Dada esta explicação,

constatámos que estes discentes não só conheciam o evento como o tinham frequentado ao longo dos últimos anos, apenas não sabiam o nome deste.

Outra resposta que mereceu um olhar atento da nossa parte refere-se aos 9 alunos que indicaram que a *Recriação das Invasões Francesas* não se realiza em Condeixa-a-Nova. Tal resposta veio confirmar que a escolha do nosso tema de trabalho se mostrou a mais acertada, pois era perceptível que muitos dos alunos não faziam ideia de que Condeixa-a-Nova fora um local afetado pelas Invasões Francesas. Como é possível verificar no *Gráfico 3*, cinco alunos assinalaram *Feira Medieval de Agosto*, o que corresponde à resposta correta.

Dado que se trata de alunos mais novos, era para nós importante perceber qual a proximidade que tinham com o Património existente.

Gráfico 4- Resposta à questão: Indica um monumento que conheças em Condeixa-a-Nova.



Com a realização deste questionário foi-nos possível verificar que o Património ligado à romanização de Condeixa-a-Nova era o mais conhecido pelos alunos. Como é possível verificar no *Gráfico 4*, provavelmente fruto da divulgação e aposta que este tema tem no município, bem como pela proximidade da residência da maior parte dos alunos, e porque este é um assunto abundantemente tratado em ambiente escolar, esta foi a resposta que obteve maior consenso. Vale ainda a pena destacar os 2 alunos que deram como resposta *Igreja Matriz* e *Fonte dos Amores*, o que demonstra um conhecimento sobre outros edifícios patrimoniais não exclusivamente ligados aos vestígios romanos.

Por fim, quando questionados sobre se gostariam de saber um pouco mais sobre a História e Património Local de Condeixa-a-Nova os 23 inquiridos responderam afirmativamente, o que demonstrou o seu interesse em saber mais sobre a História e sobre o Património que a compõem.

3.2. Atividade II - Ficha documental sobre a nobreza de Condeixa-a-Nova

Tentando *confirmar se o trabalho com fontes históricas ligadas à História Local contribui para melhorar o conhecimento histórico e avaliar de que forma a utilização da História Local e do Património poderá influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História*, entendemos ser importante cruzar elementos da História Local com a História Nacional. Nesse sentido, a primeira atividade em que recorremos a fontes históricas locais passou por tentar compreender se os discentes conseguiriam relacionar os conteúdos da unidade *A sociedade de ordens portuguesa*, nomeadamente as várias categorias que a nobreza abrangia no espaço onde a escola se encontra inserida.

Entendemos ser fundamental a existência de uma ficha documental sobre a nobreza de Condeixa-a-Nova, mais concretamente sobre a habitação nobre ali existente⁶². Para isso, focámo-nos em três dos seus solares e nas famílias a eles ligadas. Os três espaços escolhidos foram: Palácio de Lemos; Palácio dos Sás e Palácio dos Figueiredos de Guerra. Não podemos deixar de referir que esta escolha se prendeu com o facto de estes terem sido três dos edifícios ocupados (Palácio de Lemos) e incendiados pelos franceses (Palácio dos Sás e Palácio dos Figueiredos), aquando da sua presença nesta localidade, em 1811.

A ficha documental era constituída por três pequenos textos, didatizados por nós: o primeiro, sobre o Palácio dos Ramalhos ou de Lemos; o segundo, relativo ao Palácio dos Sás; e o terceiro, referente ao Palácio dos Figueiredos de Guerra. Para produzir os textos socorremo-nos da monografia de Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*, datada de 1940 e cuja 2ª edição foi publicada em 1983, e do estudo de Marta Rodrigues sobre a habitação nobre de Condeixa⁶³.

Houve ainda necessidade de ilustrar cada um dos textos, pois, assim, após a leitura de cada um dos textos, os alunos poderiam imediatamente associar a informação apresentada com o edifício e a sua localização na vila (Figura 1). Todas as imagens são datadas da 1.ª metade do século XX, o que também permitiu que os discentes pudessem compreender que a Condeixa-a-Nova dos dias de hoje nem sempre foi assim e que muitas das suas características urbanísticas se foram modificando.

⁶² Em anexos ver: Anexo V – *Habitação nobre de Condeixa-a-Nova*.

⁶³ Augusto Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1983; Marta Rodrigues, *Habitação nobre da vila de Condeixa*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.

Figura 1- Trecho da Ficha documental sobre a Habitação Nobre de Condeixa-a-Nova

Texto I-Palácio dos Ramalhos ou de Lemos

Era o antigo solar de N.^{da} Senhora da Piedade, também conhecido pelo dos Ramalhos de Condeixa [...], teve ainda, como senhores, os morgados da família Lemos. A primeira construção do solar [...] pertence ao século XVII. O imponente palácio [...] apresenta uma longa fachada [...] na qual se abrem dezanove janelas de varanda. Dos muitos solares existentes no país é este um dos mais belos: possui adornados, extensos e esplêndidos pomares e lindos jardins [...]. O seu recheio distribuído por nove salões, foi verdadeiramente assombroso.

Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*, 1983, pp. 60-61.



Imagem 1- Palácio dos Ramalhos (Fotografia pertencente a António Costa Pinto)

Para complementar a leitura e análise dos textos e das imagens, considerámos fundamental a existência de perguntas, em que os discentes pudessem relacionar os conhecimentos adquiridos na unidade do programa referente à sociedade de ordens portuguesa e a informação presente na ficha documental. Assim, elaborámos quatro questões de modo a consolidar a atividade:

- Qual a principal fonte de rendimento da nobreza?
- Tendo em conta o Texto I, define por palavras tuas, solar.
- Que cargos foram ocupados pelos membros da família proprietária do Palácio dos Figueiredos de Guerra?
- A partir da leitura dos textos, indica as características da nobreza de província.

A metodologia adotada para explorar com os alunos os textos e as imagens, em contexto de ensino remoto emergencial, passou por, num primeiro momento da sessão, abordar os conteúdos programáticos alusivos à sociedade de ordens portuguesa. Posteriormente, deixámo-nos de focar nos conteúdos gerais da disciplina e passámos para o aprofundamento da História Local, mais precisamente, a habitação nobre de Condeixa-a-Nova. Aqui chegados, solicitámos

aleatoriamente a um aluno que lesse cada um dos textos. Uma vez terminada a leitura, discutimos e analisámos a informação veiculada, a que juntámos a interpretação e análise da imagem associada ao texto.

No decurso desta atividade, pudemos observar e registar alguns elementos referentes aos conhecimentos dos alunos sobre estes edifícios. Em primeiro lugar, quando questionados sobre a localização dos solares, os alunos souberam identificar não só o sítio, mas também as diferenças patentes entre as imagens e a atualidade.

Perante a imagem do Palácio dos Ramalhos, quando questionados sobre a zona de Condeixa-a-Nova em que este se situa, os discentes responderam perentoriamente que se localiza junto à escola, o que de facto se verifica.

O segundo texto e imagem interpretados foram do Palácio dos Sás. À semelhança do que fizemos para a imagem anterior, inquirimos os alunos sobre qual o local de Condeixa-a-Nova em que se localiza este solar. Sabendo de antemão que seria difícil obter uma resposta rápida, pois, ao contrário da anterior, esta imagem apresentava um local com enormes diferenças arquitetónicas face ao presente, concedemos um pouco mais de tempo para que a turma pudesse visualizar a imagem, após o que questionámos a turma. Apenas um aluno conseguiu identificar o espaço que circunda o Palácio dos Sás, tendo respondido: *“Praça da República”*.

A análise da última imagem do Palácio dos Figueiredo de Guerra também nos permitiu debater com os alunos algumas das modificações no património de Condeixa-a-Nova.

Em primeiro lugar, questionámos os alunos sobre qual o organismo a que associam este edifício na atualidade, sendo que um aluno respondeu: *“Câmara Municipal”*. De seguida pedimos-lhes que atentassem mais uma vez na imagem e que nela identificassem o que já não faz parte do solar. Após alguma insistência, um aluno deu a resposta pretendida: *“Portas do resto de chão junto ao portão de madeira”*.

Este tipo de exercício permitiu-nos confirmar alguns dados já obtidos anteriormente, pois, à semelhança do apurado na análise do inquérito sobre os conhecimentos dos alunos acerca do Património de Condeixa-a-Nova, atestámos, mais uma vez, que eles conhecem os edifícios e sabem localizá-los, apenas não sabem a sua denominação. Também retivemos que conhecem as instituições que eles albergam, como é o caso da Câmara Municipal. Por último, não podemos deixar de evidenciar que, não obstante as imagens serem antigas, conseguimos não só que os alunos identificassem as modificações nos edifícios, mas também as alterações urbanísticas.

As questões da ficha documental foram preenchidas por 20 alunos da turma, uma vez que 4 deles nunca chegaram a entregá-la, o que se prende com o facto de esta ficha ter sido realizada durante o período de ensino remoto emergencial e não em contexto presencial.

Na primeira questão da ficha, os discentes foram interrogados acerca das principais fontes de rendimento da nobreza e todos os alunos conseguiram responder à questão. Dos 20 alunos que entregaram a ficha, 16 identificaram como fonte de rendimento da nobreza *“as propriedades e os direitos senhoriais, cargos públicos, as tenças do rei e os investimentos no comércio ultramarino”*. Além destas respostas homogêneas, os restantes 4 alunos apresentaram respostas incompletas, sendo que dois indicaram *“Um terço das terras de toda o reino”*, outro assinalou *“Foram as propriedades e direitos senhoriais”* e, por fim, outro referiu *“As propriedades”*, demonstrando alguma desordem na formulação da resposta, identificando um elemento relacionado com a sociedade do Antigo Regime, mas não o especificando. Não obstante estas diferenças, verificámos que os alunos se socorreram do manual para responder a esta questão. O facto de a pergunta não direccionar os discentes para os documentos poderá ter sido a razão para não os terem mencionado.

A segunda questão, *“Tendo em conta o Texto I, define por palavras tuas, solar.”*, revelou-se um pouco mais desafiante para os alunos, pois já os obrigava a recorrer à ficha documental, o que se refletiu nas respostas formuladas. Também nesta pergunta nenhum dos alunos deixou a resposta em branco; no entanto uma resposta foi considerada incompleta, pois referiu que um solar é um sítio luminoso, com muita luz. Acabaria por ser considerada uma “não-resposta”. Analisando as respostas a esta questão, podemos verificar que, na definição que deram de solar, consideram-no uma casa senhorial situada em espaços rurais (ex: *“Casa antiga de uma família nobre, situada geralmente numa grande propriedade rural”*), fazendo também alusão às suas dimensões (ex: *“Era um grande palácio”*).

Analisando especificamente as respostas, verificamos que cinco são uma cópia do texto (ex: *“Solar é um maravilhoso palácio que tem uma longa fachada com dezanove janelas de varanda, tem adornos, extensos e esplêndidos pomares e lindos jardins. Por dentro o recheio é distribuído por nove salões. É considerado um dos solares mais belos do país”*). Um aluno, na definição que apresentou, descreveu que um solar era habitado por nobres (ex: *“O solar é uma grande casa onde habitavam os nobres de província situada numa zona rural longe do centro urbano”*), já sete alunos expuseram que num solar habitava a nobreza (ex: *“Casa antiga de uma família nobre”*). Noutras duas respostas, solar é definido como a habitação do clero e da nobreza (ex: *“Habitação grande habitada por membros do clero e da nobreza menos importante, habitação de deslocação (férias)”*). Estas respostas são fruto da troca de impressões que os dois alunos mantiveram durante a resolução das questões. Não podemos deixar de destacar que dois discentes mencionaram a instituição que o solar dos Figueiredos alberga na atualidade, a Câmara Municipal. Esta indicação é relevante, pois, na formulação da questão, solicitámos que a resposta

deveria ter por base o *Texto I*, referente ao solar dos Lemos, e não o *Texto II*, alusivo ao solar dos Figueiredo de Guerra. Seguidamente, apresentamos uma das respostas:

“Um solar é uma casa senhorial com uma longa fachada, dividida por pilastras em três secções. As laterais são simétricas encontrando-se rasgadas por portas no piso inferior, pequenas janelas intermédias, janelas de sacada com gradaria no andar nobre, estas encontram-se uma em cada lado do portal. São vários os exemplos de solares que foram construídos na Vila de Condeixa-a-Nova, que ainda hoje subsistem que é o caso do Palácio dos Figueiredos, que atualmente acolhe as instalações da Câmara Municipal”.

Apesar da multiplicidade de definições de solar apresentadas por grande parte dos alunos, achamos que, de uma forma geral, a utilização de fontes de história local, texto e imagem, foi útil para que eles pudessem compreender que o espaço onde residem alberga edifícios outrora habitados pela nobreza de província.

As duas últimas questões estão inter-relacionadas. À terceira questão “Que cargos foram ocupados pelos membros da família proprietária do Palácio dos Figueiredos de Guerra?”, nove alunos conseguiram apresentar uma boa interpretação do documento referente a esta família. Entre estes alunos, sete redigiram uma resposta totalmente correta, revelando uma boa construção frásica e articulação gramatical (ex: “Os cargos ocupados pelos membros da família proprietária do Palácio dos Figueiredos de Guerra foram: Martim Gomes de Figueiredo que foi superintendente das coudelarias da comarca de Coimbra e fidalgo, e, João Rodrigues de Figueiredo que foi fidalgo da Casa de Bragança e capitão-mor da vila do Alvorge”). Apesar de terem dado uma resposta correta ao que era pretendido, 4 discentes apresentaram um nível de escrita muito limitado do ponto de vista do vocabulário (ex: “Martim Gomes Figueiredo-Superintendente das coudelarias. João Rodrigues de Figueiredo-Fidalgo da Casa de Bragança, capitão-mor da vila do Alvorge”); 3 alunos deixaram a resposta em branco; quatro deram respostas erradas, tendo um respondido simplesmente “Nobreza” e outro indicado: “Vive nos solares e têm menos exuberância”. Outros 2 referiram que os cargos ocupados pelos Figueiredos de Guerra eram proteger a sua habitação (ex: “Os cargos ocupados pelos membros da família proprietária do palácio dos figueiredos de guerra foi restaurar e manter o palácio vivo e inteiro”, sendo consideradas “não-respostas”; um aluno apenas fez menção aos cargos ocupados por Martim Gomes Figueiredo (ex: “Foi Martim Gomes de Figueiredo que foi superintendente da coudelaria de comarca de Coimbra”), e um outro discente apresentou somente o tipo de cargos (ex: “Os cargos que foram ocupados pelos membros da família proprietária do palácio dos Figueiredo de Guerra foram senhoriais e administrativos”).

Esta questão requeria apenas análise e atenção ao Texto 3 e, assim sendo, os discentes que não conseguiram responder corretamente, muito provavelmente, estiveram desatentos durante a sua análise na sala de aula virtual, ou, em casa, durante a realização das questões, não fizeram uma nova leitura.

Relativamente à questão “A partir da leitura dos textos, indica as características da nobreza de província”, não se verificou uma grande heterogeneidade no conteúdo das respostas, tendo 15 alunos utilizado informação presente nos textos, nomeadamente a questão da fidalguia. Dois alunos não se detiveram apenas na questão da fidalguia, tendo na sua resposta destacado a questão da hereditariedade e a ocupação de cargos senhoriais (ex: “A nobreza de província caracterizava-se por pertencer à fidalguia, era-lhes concedido o título de nobre de forma hereditária, eram influentes, ocupavam-se com a administração de cargos senhoriais e vivam em grandes palacetes, os solares”). Uma resposta apenas apresentou a residência em solares (ex: “As características da nobreza de província eram retirar-se nos seus solares”). Só um aluno não respondeu à pergunta solicitada.

Fazendo a análise da ficha documental, assim como do próprio comportamento da turma durante a atividade, entendemos que este tipo de instrumento de recolha de dados foi bastante relevante, pois os alunos ficaram munidos de “ferramentas” para desempenharem um papel mais ativo no trabalho com as fontes históricas ligadas à História Local, podendo, assim, relacionar os seus conhecimentos do programa curricular com a História e o Património do meio onde se encontram inseridos. Neste caso específico em que a sua implementação ocorreu durante o ensino remoto emergencial, a aplicação didática revelou-se bastante proveitosa, o que também se deveu ao facto de os alunos já terem alguns conhecimentos, ainda que muito limitados, sobre os edifícios apresentados. Além desta informação, retirámos desta atividade algumas observações gerais que vale a pena partilhar:

- a maioria dos alunos apresenta um nível de escrita muito fraco e sucinto;
- algumas respostas foram dadas por tópicos;
- os alunos que obtiveram melhores resultados nas fichas de avaliação foram aqueles que apresentaram respostas com uma maior riqueza vocabular;
- o facto de esta ficha ter sido realizada durante o período de ensino remoto emergencial, e não em contexto presencial, levou a que muitos alunos não tivessem tido as melhores condições técnicas para aceder à plataforma digital *Google Classroom* e assim poderem ler, analisar e interpretar os textos e responder às questões;

Esta experiência, aplicada durante o período de ensino remoto, levou-nos a refletir sobre o impacto que o ensino digital nela causou. Inicialmente tínhamos programado implementar em sala de aula este tema no início de fevereiro, no entanto, no final de janeiro, foi decretado um novo confinamento o que veio alterar por completo a nossa estratégia. A atividade acabou por se realizar com um mês de atraso, acontecendo no início de março. O que acabou por suceder, e que foi uma repetição da experiência do ano letivo transato, é que a falta de internet capaz de aguentar as aulas foi uma constante, nomeadamente na aula em que fizemos esta aplicação didática. Acrescem ainda a falta de equipamentos por parte dos alunos, o que dificultou a realização desta tarefa. Vale a pena destacar, que na turma que nos foi afeta, alguns alunos não possuíam computador, assistindo às aulas através de telemóvel, o que dificultou a tarefa de cedência, visualização e realização da ficha documental.

Do ponto de vista pedagógico, a grande maioria dos alunos simplesmente desligou a câmara e o microfone, o que para nós se revelou um entrave, pois, ficávamos sem saber se estariam, ou não, na sessão e a compreender os conteúdos ministrados. Outra dificuldade está relacionada com a aplicação utilizada pelo agrupamento de escolas onde realizámos o estágio, o aplicativo *Google Meet*, não permitir que se consiga ver os alunos durante a partilha de documentos. Esta situação acabaria por ser um entrave à realização da nossa atividade, pois, fomos impossibilitados de criar uma maior interação com os alunos. Ficou por isso demonstrado que esta estratégia poderia ter tido resultados substancialmente melhores caso tivesse sido realizada, como estava inicialmente previsto, em contexto de sala de aula.

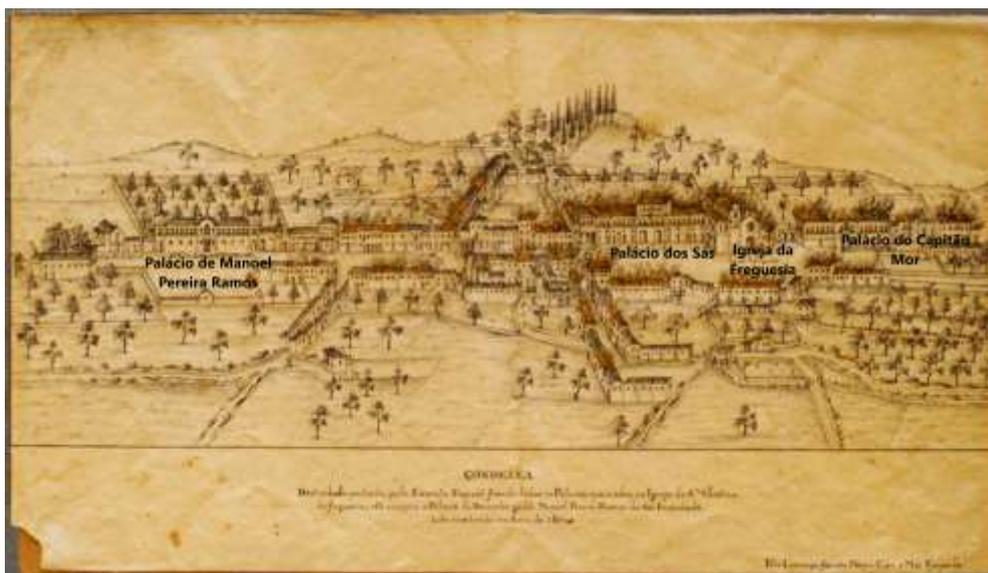
3.3. Atividade III - Ficha documental sobre o incêndio de Condeixa-a-Nova no âmbito da 3ª invasão napoleónica

Dando continuidade ao nosso trabalho em torno da História e do Património de Condeixa-a-Nova, implementámos a terceira atividade, relacionada com a presença francesa em Condeixa-a-Nova, aquando da 3.ª invasão francesa, em 1810-1811⁶⁴. Ao contrário da atividade anterior, que foi aplicada à distância, esta já ocorreu em contexto de sala de aula. O modelo que usámos na elaboração desta ficha documental seguiu os moldes da anterior atividade, tendo nós didatizado três textos: o primeiro sobre o saque da igreja de Condeixa-a-Velha, no outono de 1810; os outros dois referentes ao incêndio de Condeixa-a-Nova, a 13 de março de 1811, e à ocupação do Palácio de Lemos pelas tropas do general Massena.

⁶⁴ Ver Anexo VI – *Condeixa-a-Nova perante a 3.ª invasão napoleónica (1810-1811)*.

Na conceção dos textos e tentando, mais uma vez, *confirmar se o trabalho com fontes históricas ligadas à História Local contribui para melhorar o conhecimento histórico e avaliar de que forma a utilização da História Local e do Património poderá influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História*, socorremo-nos, novamente, da monografia de Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*. Uma vez que, no capítulo alusivo ao presente assunto, esta obra nos oferece transcrições de documentos referentes à destruição patrimonial levada a cabo pelas tropas napoleónicas — mais concretamente uma transcrição de um livro de contas da Confraria do Santíssimo Sacramento de Condeixa-a-Velha e uma carta de Manuel Pereira Ramos, proprietário do Palácio de Lemos, descrevendo o incêndio de Condeixa-a-Nova —, entendemos que seria importante que dois dos três textos da ficha documental tivessem por base estes documentos. Foi uma forma de os discentes contactarem diretamente com relatos e descrições de pessoas e entidades que vivenciaram as *invasões napoleónicas* em Condeixa-a-Nova. Outra estratégia que considerámos uma mais-valia no desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos foi dar uma sequência cronológica aos textos, pois, assim, os discentes compreenderiam este conteúdo programático mais facilmente.

Paralelamente ao trabalho com as fontes escritas, tivemos necessidade de nos socorrer de uma imagem que ilustrasse o tema apresentado. Assim, entre o texto II e III, foi colocada uma cópia de uma pintura, datada de 1811, onde é possível observar o incêndio e a destruição de Condeixa-a-Nova. Cedida pelo Museu Nacional de Machado de Castro, esta pintura foi essencial para complementar as descrições feitas naqueles dois documentos, pois além de ilustrar a informação do texto II, serviu de introdução ao texto III, uma vez que na imagem é visível que o Palácio de Lemos, que, ao contrário dos restantes edifícios, não está a arder. É importante referir que, no caso dos solares, esta pintura apresenta na legenda o nome dos seus proprietários no período em causa e não a denominação pela qual viriam a ficar conhecidos. Com a utilização desta imagem (Figura 2), pretendemos, mais uma vez, que a turma pudesse ter uma ideia da evolução arquitetónica, toponímica e urbanística de Condeixa-a-Nova.

Figura 2- Mapa de Condeixa destruída e incendiada pelo exército francês-1811

Autoria: Félix Lourenço (1811). Propriedade do Museu Nacional de Machado de Castro.

Ao contrário da anterior atividade, em que, numa primeira fase, apresentámos os conteúdos gerais da disciplina e só depois desenvolvemos a nossa atividade sobre o tema de investigação, desta vez decidimos usar desde o início da sessão o exemplo de Condeixa-a-Nova para abordar os conteúdos programáticos referentes às invasões napoleónicas e às suas consequências. Optámos por este tipo experiência, por entendermos que facilitaria aos alunos o relacionamento dos conhecimentos históricos com a História e o Património da localidade onde estudavam.

No decorrer desta aula, tentámos explorar os conhecimentos que a turma havia adquirido com a ficha documental sobre a nobreza de Condeixa-a-Nova, mas também sobre outros edifícios, como a igreja matriz, destruída em 1811. Ao longo daquela sessão, pudemos constatar algum progresso nos conhecimentos dos alunos sobre a História e o Património de Condeixa-a-Nova. De facto, uma grande parte da turma ainda se lembrava de alguma informação acerca dos solares que lhes haviam sido apresentados.

Durante a análise e interpretação da imagem, fomos questionando os alunos sobre os edifícios apresentados. Começámos por lhes perguntar se ainda se lembravam a que espaço correspondia, na atualidade, o edifício que na imagem é denominado Palácio do Capitão-Mor. Ainda não tinha sido terminada a questão e já três discentes colocavam o dedo no ar para dar uma resposta. O aluno escolhido responderia: “*Câmara Municipal*”. Nesta fase, houve necessidade de recapitular um pouco da história deste solar e explicar à turma que aquela denominação se ficou a dever ao facto de um dos seus proprietários ter exercido as funções de capitão-mor no Alvorge.

Continuando a análise da figura, focámo-nos na igreja matriz. Perguntámos aos alunos se sabiam qual a santa padroeira venerada neste espaço. Notámos que ninguém conseguiu apresentar uma resposta e optámos por reformular a pergunta, questionando a turma sobre o nome das festas que se realizam em Condeixa-a-Nova no verão. Após alguns segundos, um discente respondeu: “*Senhora dos Passos*”. A resposta dada estava incorreta, no entanto registámos que o aluno possuía conhecimentos sobre as festividades religiosas de Condeixa-a-Nova. O mesmo aluno acabou por responder: “*Festas de Santa Cristina*”.

No seguimento desta referência, um discente colocaria o dedo no ar e questionar-nos-ia sobre o porquê de, na figura da ficha documental, a igreja ser contígua ao Palácio dos Sás. Houve necessidade de explicar que a figura representava os traços originais daquele edifício, nomeadamente a sua extensão até à igreja de Santa Cristina, onde dispunha de uma entrada particular. Posto isto, demos a conhecer à turma que, após o incêndio de 1811, o Palácio dos Sás esteve abandonado durante muitos anos, acabando por vir a ser expropriado nos anos trinta do século XX, numa fase em que começaram a ocorrer alterações urbanísticas em Condeixa-a-Nova. Estas alterações levaram ao surgimento de novas artérias, como é o caso da avenida que os alunos conheciam por “*Avenida dos Bombeiros*”, mas cuja denominação oficial é “*Avenida Visconde de Alverca*”, uma vez que foi José de Sá Pereira, à época proprietário daquele edifício e visconde de Alverca, que, em 1930, chegou a acordo com a Câmara Municipal para a cedência dos terrenos que permitiram a abertura desta avenida. Depois desta nossa breve alocução, a turma ficou a saber o motivo pelo qual a Condeixa-a-Nova que é apresentada na figura não corresponde à que conhecem nos dias de hoje.

À semelhança do que fizemos em relação ao Palácio dos Figueiredos, perguntámos à turma se conseguia localizar o edifício que, na figura, é denominado Palácio de Manoel Pereira Ramos. Também aqui obtivemos um coro de vozes: “*Aqui ao lado da escola*”. Seguidamente, com o intuito de explicar à turma, que ao longo da sua história, aquele espaço havia recebido muitas denominações, perguntámos se sabiam que outro nome tinha este imóvel. Dos 24 discentes presentes apenas um levantou a mão, tendo respondido: “*Palácio Sotto Mayor*”.

Surpreendidos com a resposta correta do aluno e porque até àquele momento nunca tínhamos usado a referida denominação para este edifício, questionámo-lo no sentido de saber onde é que tinha obtido aquela informação. O aluno explicaria que conhecia aquela denominação porque a sua avó tinha exercido durante alguns anos as funções de “*caseira*” da família Sotto Mayor, proprietária daquele espaço, com quem, provavelmente, teria tido algum contacto. Com o intuito de desenvolver este tema, explicámos que o edifício em causa foi sendo designado, ao longo dos últimos séculos, pelos apelidos dos seus detentores: Palácio dos Ramalhos, em homenagem

aos seus primeiros proprietários; Palácio de Manoel Pereira Ramos, seu proprietário no período em que ocorreu o incêndio de Condeixa-a-Nova; Palácio Sotto Mayor, porque, nos anos vinte do século XX, Cândido Sotto Mayor o adquiriu.

Por forma a consolidar a leitura e análise dos textos e também da imagem, formulámos três questões, duas diretas e uma de desenvolvimento, para que os discentes pudessem relacionar as consequências das invasões francesas em Condeixa-a-Nova com o que ocorreu em Portugal. Devido à falta de tempo em sala de aula, as questões da ficha documental foram respondidas em casa por 23 dos 24 alunos da turma.

Na primeira questão, era solicitado que localizassem no espaço e no tempo o acontecimento apresentado nos textos. Nove discentes responderam que tinha ocorrido em Condeixa-a-Nova, entre 1810-1811 (ex: “Situa-se em Condeixa-a-Nova, entre 1810 e 1811”). Destas respostas vale a pena destacar um aluno que menciona que se localiza em Condeixa-a-Nova, em contexto de guerra (ex: “Em Condeixa-a-Nova em 1810-1811, numa situação de guerra”). Quatro alunos assinalaram nas suas respostas que os factos descritos na ficha documental ocorreram em Condeixa-a-Nova e Condeixa-a-Velha (ex: “A situação apresentada nos textos passou-se em Condeixa-a-Nova e Condeixa-a-Velha nos anos de 1810-1811”). Oito respostas estabelecem uma relação com um acontecimento de âmbito nacional (ex: “O espaço é em Condeixa-a-Nova, Portugal e o tempo é durante a 3.^a invasão francesa entre 1810 e 1811”). As restantes três respostas foram consideradas incompletas: um aluno indicou “A situação apresentada nos textos está no Palácio de Lemos a 13 de março de 1811”, outro mencionou “Condeixa-a-Velha, 1810” e outro referiu “A situação apresentada no texto foi em outubro de 1810 em Condeixa-a-Velha”.

Na segunda questão, “A qual das invasões francesas dizem respeito os factos descritos?”, dez alunos limitaram-se a responder, de forma muito sucinta, que os factos apresentados nos textos diziam respeito às invasões francesas. Oito alunos indicaram que a informação contida na ficha documental se refere à terceira invasão napoleónica, sendo de evidenciar que quatro respostas estão bem formuladas em termos de construção frásica (ex: “Os factos descritos dizem respeito à terceira invasão napoleónica”), enquanto as outras quatro apresentaram um nível de escrita muito fraco e sucinto (ex: “3.^a invasão napoleónica”). Não obstante a fraca construção frásica, três discentes indicaram que se tratava da 3.^a invasão francesa (ex: “Foi na 3.^a invasão francesa”). Uma resposta referiu que se tratava da invasão napoleónica.

Relativamente à questão “Partindo da análise dos documentos, apresenta as consequências das invasões francesas”, obtivemos dezoito respostas, em que é possível verificar que foi feita não só uma leitura e uma análise aos textos, mas também da imagem. Nas respostas foram referidas as perdas de vidas humanas, os roubos de produtos alimentares e de valores, as destruições de

edifícios, mais concretamente um incêndio, como resultado da presença francesa. Sendo impossível transcrever todas as respostas, apresentaremos algumas onde se evidenciam as consequências anteriormente referidas.

Numa resposta, é destacada a destruição patrimonial, o roubo de alimentos e o desenvolvimento de doenças (ex: “Condeixa foi completamente destruída só sobrando o Palácio de Manoel Pereira Ramos, os mantimentos foram quase todos levados começando-se a espalhar por Condeixa uma epidemia”). Numa outra, foi explicado que as tropas de Massena espoliaram a população de Condeixa-a-Nova (ex: “Os franceses e as tropas de Massena roubaram a prata, o ouro, a cera, os animais e a comida a Condeixa-a-Nova, assim a deixando pobre de recursos. Além disso as tropas de Massena deitaram fogo a Condeixa, deixando-a destruída e em ruínas”). O roubo de bens de valor e o surgimento de doenças são apresentados como duas das consequências das invasões napoleónicas (ex: “As consequências das invasões francesas foram a morte de muitas pessoas (fruto de uma epidemia provocada pela infeção das águas), destruição de muitas povoações e roubo de riquezas (prata e ouro)”). As restantes quatro respostas foram dadas em tópicos, sendo, por isso, consideradas muito incompletas (ex: “Lugares destruídos, roubados, epidemia, muitas mortes”).

Em suma, analisando esta atividade, consideramos que foi deveras desafiante para toda a turma, essencialmente no período em que estivemos em sala de aula, pois, ao contactarem mais uma vez com fontes ligadas à História Local, através da leitura, análise e interpretação dos documentos, os alunos conseguiram adquirir outras competências no que toca à ligação dos conhecimentos programáticos com a História e o Património de Condeixa-a-Nova. Podemos dizer que, em termos gerais, durante o diálogo que mantivemos sobre os conhecimentos já adquiridos acerca da história dos edifícios incendiados pelos franceses e sobre as alterações urbanísticas que resultaram deste acontecimento, toda a turma se mostrou interessada e entusiasmada. Em relação à resolução das questões da ficha documental retirámos algumas observações:

- comparativamente com a atividade anterior, é visível uma melhoria ao nível da escrita;
- não obstante algumas respostas terem sido dadas por tópicos, notámos uma melhoria ao nível da construção frásica;
- desta vez, não foram só os alunos com melhores resultados nas fichas de avaliação que ostentaram respostas com um melhor domínio vocabular, verificando-se um progresso no nível das respostas de alunos que, no início do ano letivo, demonstravam enormes dificuldades de escrita;

- o facto de esta ficha já ter sido realizada presencialmente, levou à melhoria de condições para podermos auxiliar e orientar a turma durante a leitura, análise e interpretação dos textos, bem como na elaboração das respostas às questões.

3.4. Atividade IV - Trabalho em grupo e consolidação de conhecimentos

Após a apresentação do tema Invasões Francesas em Condeixa-a-Nova, que, como vimos, compreendeu a leitura, análise e interpretação da ficha documental sobre o impacto que este acontecimento teve nesta localidade, iniciámos a implementação de um trabalho em grupo sobre o Património incendiado pelos franceses. Além dos dois objetivos de investigação que enumerámos nas atividades anteriores, com a concretização desta atividade pretendíamos *verificar se o trabalho em grupo sobre História Local e Património promove competências sociais*.

A tarefa passou por tentar consolidar as aprendizagens promovidas nos trabalhos documentais sobre os solares e sobre o Património incendiado pelos franceses em Condeixa-a-Nova e aprofundar conhecimentos sobre a história desses edifícios. Os alunos deveriam sistematizar e trabalhar informação com o objetivo de tornar uma imagem interativa, selecionando-se, para o efeito, a plataforma *Thinglink*⁶⁵. Escolhemo-la pela sua gratuitidade, facilidade de acesso e possibilidade de ser utilizada num dispositivo móvel e de permitir trabalhar com diversos recursos, que acreditamos serem os mais adequados para a implementação da nossa aplicação didática. Também nos pareceu útil introduzir a utilização de tecnologias, pois a turma em questão revelou uma forte apetência pela utilização dos dispositivos tecnológicos, desde o início do ano letivo.

A implementação do trabalho de grupo sobre o Património de Condeixa-a-Nova incendiado pelos franceses passou, num primeiro momento, pela constituição dos grupos. Uma vez que já possuíamos múltiplos elementos acerca dos alunos da turma que nos foi atribuída, em termos das características individuais e das capacidades intelectuais, entendemos que deveríamos ser nós a constituir os grupos de trabalho. Esta opção prendeu-se com a necessidade de poder equilibrar os grupos, fazendo com que fossem heterogéneos, e também de verificar se promoveriam competências sociais.

No processo de formação de grupos e fazendo uso das observações que fizemos fora do contexto de sala de aula, entendemos que seria importante que não fossem colocados no mesmo grupo alunos que mantinham entre si uma maior ligação. Acrescentamos ainda a importância de

⁶⁵ Site do *Thinglink*: www.thinglink.com.

misturar os discentes que obtinham melhores resultados nos testes com os que possuíam dificuldades na nossa disciplina. Assim, foram constituídos cinco grupos: quatro deles constituídos por cinco elementos e outro por quatro.

Com recurso a sorteio, os grupos foram distribuídos pelos vários edifícios estudados, entre eles o Palácio dos Figueiredos, o Palácio dos Sás, a Igreja Matriz de Condeixa-a-Nova, a Quinta de São Tomé e o Palácio de Lemos. Constituídos os grupos, foi fornecido um guião de orientação para os elucidar sobre os objetivos do trabalho, a plataforma onde deveria ser realizado, a construção do trabalho, os critérios de avaliação e o prazo de execução de tarefas. Foram fornecidas a cada um dos grupos questões orientadoras para os guiar na construção do trabalho. Estes documentos foram elaborados cuidadosamente por nós, de forma que os grupos pudessem responder às principais necessidades que uma atividade deste género impõe. Para auxiliar o trabalho de investigação criámos, na *Google Classroom*, um tópico para cada um dos grupos, disponibilizando nele uma variedade de materiais de apoio, nomeadamente a imagem que deveriam tornar interativa no *Thinglink*.

De modo a ajudar o desenvolvimento do trabalho, fornecemos uma lista bibliográfica a cada um dos grupos. Procurámos fazer um levantamento prévio de livros e catálogos de exposições existentes na Rede de Bibliotecas de Condeixa-a-Nova sobre a temática em questão⁶⁶. Uma vez reunida, deixámos na biblioteca da escola um “saco” com todos os livros que os alunos deveriam consultar. Esta informação foi disponibilizada no tópico da *Google Classroom* anteriormente referido. Além destes, procurámos fornecer outro tipo de materiais, fotos ou documentos previamente didatizados por nós, com o intuito de enriquecer cada um dos trabalhos.

Ainda em contexto de sala de aula, foi feita uma primeira exploração do *Thinglink*, para que os discentes compreendessem o seu funcionamento. Posteriormente e face às dificuldades e dúvidas dos grupos relativamente ao registo na plataforma, disponibilizámo-nos para marcar um encontro na biblioteca da escola com cada um dos grupos que necessitasse de ajuda. Foi neste espaço que nos reunimos com cada grupo, em dois momentos distintos, para fazer o acompanhamento do trabalho.

O primeiro encontro, que ocorreu duas semanas após o início da sua implementação, serviu para apurar em que estado se encontravam os trabalhos, se tinham ou não começado a realizar

⁶⁶ Além dos trabalhos de Augusto Santos Conceição e Marta Rodrigues anteriormente referidos, a lista de trabalhos sobre a História e o Património de Condeixa-a-Nova por nós selecionada e devidamente facultada a cada um dos grupos, era constituída pelas seguintes: *Condeixa: paisagem, memória, história*, Condeixa-a-Nova, Paróquia, 2010; Cândido Pereira, *Crónicas de Condeixa, para que a memória não se perca!*, Condeixa-a-Nova, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, 2017; Fernando-António Almeida, *Condeixa, lugar de grande estrada: quadros para a sua história*, Condeixa-a-Nova, Edições Afrontamento, 2014 e Ilda Carvalho (coord.), *Memórias de Condeixa: exposição*, Condeixa-a-Nova, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, 2015.

leituras e como é que estava a correr a utilização do *Thinglink*. Aos grupos foi dada total autonomia para trabalharem nesta plataforma, tendo sido estipulada apenas uma regra: que a imagem de fundo da página fosse aquela que lhe havíamos fornecido na *Google Classroom*. Deste primeiro encontro retirámos algumas observações sobre o trabalho desenvolvido por cada um dos grupos:

Grupo Palácio de Lemos:

- tinha realizado algumas leituras das obras indicadas;
- apresentou dificuldades ao nível da seleção de informação;
- os elementos do grupo já haviam visitado o edifício e tirado fotografias à sua fachada.

Grupo Palácio dos Sás:

- ainda não tinha consultado os livros que lhe haviam sido indicados;
- revelava muitas dificuldades ao nível da seleção de informação;
- o pouco que tinha desenvolvido teve como base a *Wikipédia*, acabando por copiar informação sem confirmar se ela correspondia ao tema do seu trabalho;
- notava-se que apenas um elemento tinha interesse no trabalho.

Grupo Quinta de São Tomé:

- já tinha o trabalho praticamente concluído;
- além da bibliografia por nós recomendada, perguntou-nos se podia consultar sítios da internet que não a *Wikipédia*, nomeadamente a página da *Direção-Geral do Património*;
- soube fazer uma boa seleção de informação, ligando os textos produzidos com as fotografias que lhe havíamos fornecido;
- visitou a instituição que ocupa atualmente a Quinta de São Tomé e tirou fotografias;
- verificou-se uma enorme organização e entajuda dos elementos.

Grupo Igreja de Santa Cristina:

- já tinha visitado o interior da Igreja e tirado fotografias;
- havia iniciado leituras da bibliografia que lhe tinha sido fornecida.

Grupo Palácio dos Figueiredos:

- não tinha consultado os materiais por nós disponibilizados tanto na biblioteca da escola como na *Google Classroom*;
- o pouco trabalho que já tinha realizado tinha sido retirado da *internet*.

Perante as lacunas que encontrámos em cada um dos grupos, demos sugestões de melhoria, que passaram por correções ao nível da escrita e pela necessidade de utilizarem outros recursos disponibilizados no *Thinglink*, nomeadamente imagens, vídeos e áudios. Concluído este encontro, e orientados todos os grupos de trabalho, estabelecemos que nos voltaríamos a encontrar no mesmo local daí a quinze dias, de modo a corrigir possíveis falhas que existissem nos trabalhos antes da sua entrega. Nesta sessão, onde os grupos já tinham concluídos os seus trabalhos, retirámos informações importantes sobre o resultado final de cada um:

Grupo Palácio de Lemos:

- utilizou uma variedade de recursos na plataforma (produção de textos, imagens e áudios);
- relacionou a história do edifício com conteúdos abordados ao longo do ano letivo, nomeadamente a questão das categorias da nobreza e as invasões francesas;
- consultou a bibliografia e as imagens fornecidos por nós e soube citá-las corretamente;
- visitou o espaço e tirou fotografias ao edifício;
- forneceu indicações toponímicas, apresentando uma fotografia da rua onde se situa, bem como indicações da sua localização e, inclusive, uma foto de um mapa da vila, destacando o edifício;
- expôs fotografias de dois dos seus proprietários (Francisco de Lemos Ramalho e Cândido Sotto Mayor) e indicou as funções que desempenharam em Condeixa-a-Nova (1.º Presidente da Câmara Municipal e 1.º Provedor da Santa Casa da Misericórdia);
- publicitou o *link* de uma edição da *Ilustração Portuguesa*, onde foi feita uma reportagem sobre este edifício.

Figura 3- Screenshot da página do *Thinglink* do Grupo Palácio dos Lemos

Grupo Quinta de São Tomé:

- nos textos produzidos, nota-se a utilização de um vocabulário diversificado;
- a informação sobre o edifício foi apresentada de forma estruturada;
- relacionou as imagens por nós fornecidas com as leituras feitas;
- soube citar corretamente a bibliografia e as imagens que lhes foram fornecidas;
- deu ênfase à questão patrimonial, explicando, através de imagens e texto, que este edifício esteve abandonado durante várias décadas tendo sido recentemente recuperado, referindo a sua atual ocupação (Museu Poros);
- apresentou curiosidades sobre as pessoas que viveram na Quinta de São Tomé;
- falou sobre a Família dos Figueiredo da Guerra e sobre terem sido também proprietários do Palácio dos Figueiredo.

Figura 5- Screenshot da página do Thinglink do Grupo Quinta de São Tomé**Grupo Igreja de Santa Cristina:**

- limitou-se a utilizar textos e imagens;
- consultou a bibliografia e imagens por nós fornecidas e soube citá-las corretamente;
- apresentou uma boa produção escrita;
- relacionou a história do edifício com conteúdos abordados ao longo do ano letivo, nomeadamente a questão da arte manuelina e as invasões francesas;
- visitou o espaço e tirou fotografias ao interior do edifício;
- forneceu indicações toponímicas, apresentando uma fotografia da placa com o nome da rua onde se situa, e também deu indicações sobre a sua localização.

Figura 6- Screenshot da página do *Thinglink* do Grupo Igreja de Santa Cristina

Grupo Palácio dos Figueiredos:

- a cada um dos textos produzidos juntou um áudio com a leitura da informação escrita;
- consultou a bibliografia e imagens por nós fornecidas, mas não soube citá-las corretamente;
- além da escrita ser muito lacónica, apresentava erros ortográficos nos textos produzidos;
- não fez nenhuma alusão às famílias que viveram no Palácio dos Figueiredos;
- ao contrário do grupo Quinta de São Tomé, não fizeram nenhuma referência ao facto de a família dos Figueiredo da Guerra ter sido proprietária da Quinta de São Tomé;
- destacou as características arquitetónicas do edifício, através de fotografias tiradas por si, complementadas com textos produzidos pelo próprio grupo;
- relacionou a história do edifício com conteúdos abordados ao longo do ano letivo, nomeadamente a questão das categorias da nobreza;
- mencionou a presença das tropas francesas, em Condeixa-a-Nova, no âmbito da 3.^a invasão francesa, tendo criado um *pin* no *Thinglink* com a imagem de Condeixa incendiada e com um texto, dando conta da destruição do Palácio dos Figueiredos.

Figura 7- Screenshot da página do *Thinglink* do Grupo Palácio dos Figueiredos



Uma vez concluída a segunda reunião com cada um dos grupos e feitas as correções por nós indicadas, demos início à última fase desta atividade: a realização de uma campanha de divulgação do produto final do trabalho desenvolvido por cada um dos grupos, junto da comunidade escolar. Nesse sentido, cada grupo criou cartazes com frases alusivas ao seu tema de trabalho, espalhando-os pelos três blocos da escola (Figura 8), bem como através do *QR-Code*, permitindo a toda a comunidade escolar aceder ao *Thinglink* e visualizar os trabalhos.

Figura 8- Um dos blocos da escola onde se fez a divulgação dos trabalhos



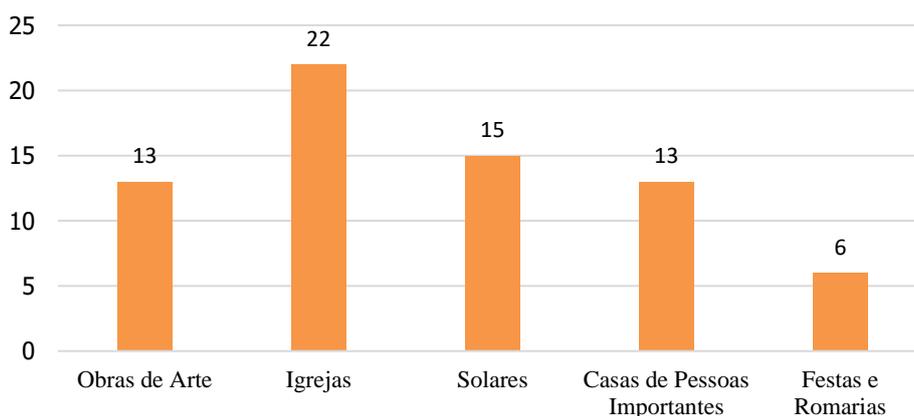
(Fotografia tirada pelo autor)

3.5. Atividade V - Avaliação do impacto que o trabalho em volta da História Local e Património teve junto dos alunos

A nossa aplicação didática terminou com a implementação de um segundo questionário, que pretendeu certificar se as atividades por nós implementadas tinham, ou não, contribuído para melhorar as conceções sobre História Local e Património dos alunos, para além de recolher as suas opiniões sobre as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo⁶⁷. O questionário foi respondido por 23 dos 24 alunos da turma.

Inquiridos sobre se, após o trabalho desenvolvido nas aulas em volta do Património de Condeixa-a-Nova, tinham uma ideia do que é Património Histórico, todos os alunos responderam “sim”. No seguimento desta resposta, e mediante a apresentação de cinco opções, pedimos aos discentes que escolhessem aquelas que se adequassem à sua ideia de património histórico. Como é possível verificar no *Gráfico 5*, as escolhas dos alunos recaíram maioritariamente na opção *Igrejas, Solares, Casas de pessoas importantes e Obras de arte*. Não podemos deixar de destacar a proximidade que existiu entre *Solares* e *Casa de pessoas importantes*, a primeira escolhida por 15 alunos e a segunda por 13. Podemos inferir que estes dados são o resultado das atividades que implementámos ao longo do ano letivo, existindo uma associação entre as duas opções. Verificámos, ainda, que apenas uma minoria dos alunos (6), considerou como sendo Património Histórico a opção *Festas e Romarias*. Terá contribuído para este valor o facto de o nosso estudo ter incidido, na sua totalidade, sobre Património material, o que acabou por não permitir qualquer tipo de transmissão de conhecimentos aos alunos em volta de Património imaterial.

Gráfico 5-Resposta à questão: Das seguintes opções escolhe aquelas que mais se adequam à tua ideia sobre Património Histórico.



Como se pode verificar na *Tabela 1*, nas justificações que deram para tais opções, os alunos relacionaram as suas escolhas com a importância do seu valor histórico.

⁶⁷ Em anexos ver: Anexo VII – Questionário de avaliação de aprendizagem.

Tabela 1- Exemplo de respostas dadas pelos alunos para justificar as suas escolhas sobre a sua ideia de Património Histórico

<i>Eu acho que todos os elementos históricos, que tenham valor, desde obras de arte até festas e romarias fazem parte do património Histórico. Acho que definem a localidade apresentando um pouco sobre o seu passado. Estes elementos históricos são o que definem o lugar onde vivemos e são importantes para a história.</i>
<i>Eu acho que as escolhas que eu fiz fazem parte do Património Histórico porque representam uma época importante na história do nosso país e ajuda-nos a saber como é que era o dia-a-dia das pessoas nessa época.</i>
<i>Eu considero obras de arte, igrejas, solares e casas de pessoas importantes como património histórico porque carregam história consigo e devem ser preservados.</i>

Procurámos, ainda, saber se consideraram motivadora a utilização de assuntos relacionados com História Local e Património nas aulas de História. Todos os inquiridos responderam que “sim”. Na justificação que deram, todos concordaram que a utilização deste assunto possibilitou, não só o alargamento dos seus conhecimentos sobre a História e Património locais, mas também permitiu saber que muitas temáticas apresentadas no manual se podem entrecruzar com a localidade onde residem.

Tabela 2- Exemplo de respostas dados pelos alunos para justificar a sua escolha em relação à existência de motivação nas aulas de História através do uso da História Local e Património

<i>Porque ficamos a saber mais da região onde nós vivemos e é diferente (motiva-nos mais a vir às aulas de história).</i>
<i>Ao falar sobre a História Local e o Património nas aulas estamos a conhecer as verdadeiras “faces” da localidade onde vivemos. Acho que é motivador por esse mesmo facto.</i>
<i>Sim, pois aprendemos e exploramos a História Local (Condeixa-a-Nova, neste caso), diversificando os nossos conhecimentos de História.</i>

Em relação à questão nº 3 “Gostaste de trabalhar a História e o Património de Condeixa-a-Nova nas aulas de História”, os 23 alunos responderam afirmativamente. Na justificação (Tabela 3) que deram, a grande maioria defendeu a sua opção com a aquisição de novos

conhecimentos sobre a História e o Património da sua região, no entanto devemos destacar a resposta de um aluno, que achou ser motivador abordar conteúdos não englobados no manual, e uma outra resposta de um discente, que no decurso do ano letivo mudou de residência e entendeu que este género de trabalho o ajudou a adquirir conhecimentos sobre Condeixa-a-Nova.

Tabela 3- Exemplo de respostas dados pelos alunos para justificar o porquê de terem gostado de trabalhar a História e o Património de Condeixa-a-Nova nas aulas de História

<i>Sim, porque acho que às vezes tem que se sair do contexto da aula de História e não estar sempre a dar o que está no livro, acho que até é motivador para os alunos.</i>
<i>Gostei de tralhar a História e o Património de Condeixa-a-Nova pois aprendi melhor sobre Condeixa-a-Nova.</i>
<i>Porque aprendi várias informações sobre o património e caso não tivéssemos aprendido e trabalhado a história e o património de Condeixa-a-Nova nas aulas eu provavelmente também não procuraria por mim mesma aprender.</i>
<i>Porque eu começo a perceber mais de onde eu moro e vivi 5 anos da minha vida e também é diferente, anda-me a motivar mais querer aprender história.</i>
<i>Porque, sinceramente e agora que fiquei a conhecer melhor Condeixa, acho que não sabia quase nada sobre Condeixa.</i>
<i>Porque sou novo nesta pequena vila e pelo menos fico a saber sobre o passado de Condeixa-a-Nova.</i>

Na quarta e quinta questões procurámos obter informações relativas ao trabalho em grupo que realizaram sobre os edifícios incendiados pelos franceses em 1811. Uma pergunta que entendemos ser essencial colocar foi a de apurar, se após a conclusão daquela atividade, conferiam outra importância ao “espaço” que os rodeia, neste caso em concreto o Património de Condeixa-a-Nova. A totalidade dos alunos passou a atribuir outra relevância ao Património de Condeixa-a-Nova, no entanto, na análise que fizemos, verificámos algumas justificações surpreendentes (Tabela 4). Das várias respostas analisadas destacamos aquelas em que os inquiridos argumentam que passaram a dar outra importância a este Património, consequência das pesquisas que fizeram para o trabalho em grupo; outros referem que passaram a olhar para o Património de Condeixa-a-Nova com “outros olhos”, o que denota que passaram a conferir outro tipo de sensibilidade para a necessidade de serem preservados e, por fim, em outras respostas observámos que se passou a valorizar a História Local.

Tabela 4- Exemplo de respostas dados pelos alunos para justificar se após a realização do trabalho em grupo sobre o Património incendiado pelos franceses dão outra importância ao espaço que os rodeia

<i>Sim, porque agora percebo a importância que os edifícios têm, por exemplo, antes olhava para lá e não sabia o que lá estavam a fazer, mas, agora olho para lá com o devido respeito e interesse que têm.</i>
<i>Sim. Houve muito esforço e dedicação para reconstruir Condeixa e tornar na vila que é hoje em dia.</i>
<i>Sim, claro que já dava porque eram patrimónios antigos tendo o “respeito” por eles, mas quando li tudo, dei ainda mais importância ao espaço que me rodeia.</i>
<i>Certamente, sim. Saber que cresci num local onde tanto se passou, de facto deixou-me mais interessada, também como esclarecida.</i>
<i>Sim, pois eu pude conhecer mais sobre o edifício a respeito e saber o que aconteceu e agora quando eu passar por lá eu vou me lembrar do trabalho.</i>
<i>Sim, porque já sei o que eles passaram e mesmo que os franceses não incendiassem Condeixa-a-Nova deve-se sempre dar importância aos espaços e devemos estimar as coisas porque são de todos.</i>

A última questão procurou responder ao objetivo que havíamos delineado no início do projeto, que passava por *verificar se o trabalho em grupo sobre História Local e Património promove competências sociais*. Esta foi a questão onde se notou uma maior discordância, existindo cinco alunos que entenderam que a realização do trabalho em grupo não ajudou a melhorar a ligação com os restantes elementos do grupo (Tabela 5). Nas respostas é visível a existência de diferentes posições. A destacar um aluno, que na sua resposta diz que não gosta de se relacionar com pessoas que têm gostos diferentes dos seus e com quem não se relaciona no dia-a-dia; outra resposta dá como negativa a experiência do trabalho de grupo, pois não existiu interação para além da divisão de tarefas; e duas respostas respondem negativamente, mas na sua argumentação indicam que não existiu uma melhoria na relação com os colegas, pois já se relacionavam muito bem. Ainda assim, a grande maioria dos inquiridos (18), respondeu “*sim*”. Estes, nas suas justificações, atestam que durante a realização da atividade fortaleceram e passaram a confiar em colegas cuja relação era muito distante; que existiu uma melhoria na comunicação entre colegas e que ocorreu entreajuda entre os vários membros do grupo.

Tabela 5- Exemplo de respostas dados pelos alunos para justificar se o trabalho de grupo ajudou a melhorar ou não a ligação afetiva e de trabalho com os restantes colegas do grupo

<i>Na minha visão trabalho de grupo são uma confusão, até com pessoas em que somos próximos, além disso eu sinto-me forçada a conviver, então a relação que eu fico é que eu preferia fazer tudo sozinha, e quanto às pessoas, eu provavelmente não vou voltar a falar depois disso, porque eu não crio intimidade o suficiente.</i>
<i>Na minha opinião o trabalho de grupo não me ajudou a melhorar a ligação com os meus colegas pois eu sempre tive ligação com eles...</i>
<i>Não, pois eu já me dava bem com os meus colegas de grupo antes da realização do trabalho.</i>
<i>Sempre me dei bem com toda a gente, com uns falo mais outros menos, por isso acho que os trabalhos de grupo nos ajudam a estimular a nossa capacidade de comunicar e conviver mais, por isso sim, acho que ajudou a melhorar.</i>
<i>Convivemos com colegas com quem não costumamos conviver, falámos/reunimos fora das aulas e aprendemos a trabalhar melhor em equipa.</i>
<i>Porque ao trabalharmos juntos, contactámo-nos e ajudámo-nos mutuamente de modo que nos ajudou a darmos-nos melhor.</i>
<i>Sim, porque eu antes apesar de me já dar com todos eles, este trabalho ajudou-me a fortalecer e a confiar em muitas dessas pessoas.</i>

Como foi possível observar na análise que apresentámos, podemos concluir que, a realização deste inquérito se revelou fulcral para compreendermos melhor se a ligação da História Local e Património de Condeixa-a-Nova com os conteúdos lecionados resultou. Fica visível que os alunos passaram associar o Património de Condeixa-a-Nova a vários momentos da História de Portugal, além de terem ficados sensibilizados para a importância da sua conservação enquanto “espaços” que preservam a memória e identidade de Condeixa-a-Nova e dos seus habitantes.

Considerações finais

Aqui chegados, é importante tecer algumas considerações sobre o ano de estágio e a aplicação didática por nós desenvolvida. Vale a pena reafirmar que, no decurso do nosso estágio pedagógico, e fruto do trabalho contínuo que mantivemos com os restantes elementos do Núcleo de Estágio, professora orientadora e colegas estagiários, conseguimos obter uma visão mais abrangente ao nível de métodos e técnicas de trabalho, mas também da organização e preparação de aulas que, de resto, serão indispensáveis no decurso do exercício da profissão docente. Destacamos, ainda, o facto de o ambiente hospitaleiro por parte do pessoal docente e não-docente do estabelecimento de ensino que nos acolheu ter sido muito útil para conseguirmos entender, não só a dinâmica, mas também o dia-a-dia de uma escola, e assim conseguirmos ter uma noção dos desafios com que nos iremos ver confrontados.

O nosso estágio ficou marcado pela Covid-19, o que, inevitavelmente, impôs limitações com as quais é difícil lidar. Quando no início do 2º período nos vimos confrontados com o interregno das aulas presenciais, e a subsequente transição para o modelo de ensino remoto emergencial, tivemos de nos adaptar a uma nova realidade e a ter que repensar a metodologia de trabalho até então aplicada. Mesmo estando fisicamente distantes dos restantes membros do Núcleo de Estágio, foi uma mais valia termos continuado a trabalhar em equipa, nomeadamente, podermos assistir às sessões dos restantes elementos do Núcleo de Estágio, trocar materiais didáticos e, principalmente, obter o feedback das aulas síncronas por nós ministradas nas reflexões que eram feitas nas reuniões em equipa online podendo, assim, identificar e corrigir as falhas existentes.

A necessidade de aperfeiçoamento subsiste, como é óbvio, no entanto, podemos dizer que as competências adquiridas ao longo do estágio serão sempre uma mais-valia num percurso profissional que se quer pleno de novos desafios e exigências.

A ligação à História Local e ao Património de Condeixa-a-Nova apresentou imensas potencialidades em contexto educativo. Num primeiro momento, e no sentido de fundamentar o nosso estudo, foi essencial a realização de um trabalho contínuo com bibliografia e legislação em volta de História Local e Património. Além dos autores e obras que citámos no enquadramento teórico, como é o caso de António Pedro Manique, Maria Cândida Proença ou Jorge Alarcão, sentimos que para dar uma maior consistência ao que pretendíamos fazer seria fulcral proceder, não só a uma leitura e análise, mas também traçar comparações entre os projetos em volta desta problemática, realizados na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e no Instituto de Educação da Universidade do Minho, pois só assim conseguiríamos compreender como é que se

poderia implementar um trabalho deste género, levando-nos a refletir e a problematizar sobre a metodologia a adotar. Perante as reflexões que resultaram destas leituras, foi-nos mais fácil selecionar os métodos e técnicas de tratamento e organização da informação a recolher, os quais se tornaram indispensáveis e proveitosos tendo em vista a realização de um trabalho deste cariz.

Foi-nos fulcral podermos relacionar os espaços patrimoniais de Condeixa-a-Nova com os conteúdos programáticos presentes no manual adotado. Também contribuiu para o sucesso deste trabalho o desconhecimento dos alunos em relação à História do Património de Condeixa-a-Nova, neste caso em concreto, os edifícios incendiados pelos franceses em 1811. Na fase inicial da nossa investigação, e de modo a apurar os conhecimentos da turma em relação à História e ao Património de Condeixa-a-Nova, entendemos ser necessário aplicar um inquérito com perguntas sobre diversos temas ligados à História desta localidade. Retirámos deste inquérito que os alunos conheciam os espaços patrimoniais e a sua localização, apenas não sabiam o nome destes, assim como não tinham qualquer tipo de conhecimentos sobre a presença francesa em Condeixa-a-Nova aquando da 3ª invasão em 1811. Ainda neste inquérito, e indo de encontro com os resultados obtidos por Sérgio Couto num dos questionários realizados no seu estudo sobre a História Local e o Património no ensino da História⁶⁸, quando questionados sobre se gostariam de saber um pouco mais sobre a História e o Património de Condeixa-a-Nova, todos os discentes responderam afirmativamente o que demonstrou um enorme interesse em conhecerem melhor o passado do espaço em que se encontravam inseridos.

Estipulámos como questão de investigação saber *de que forma é que a História Local e o Património ajudam na construção de conhecimento histórico*. As conclusões obtidas permitem-nos responder a esta questão. Durante a realização das duas atividades em que recorremos a fontes históricas ligadas à História Local apurámos que, os alunos não faziam ideia de que a história do espaço que os rodeia poderia estabelecer ligações com os conteúdos programáticos lecionados nas aulas. As duas primeiras atividades procuraram *confirmar se o trabalho com fontes históricas ligadas à História Local contribui para melhorar o conhecimento histórico e avaliar de que forma a utilização da História Local e do Património poderá influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História*.

A primeira atividade realizada com o objetivo de levar os discentes a estabelecer ligações e a cruzar elementos da História Local com a História Nacional decorreu ainda sob a vigência do ensino remoto emergencial. Recorrendo a fontes históricas locais tentámos compreender se os discentes conseguiriam relacionar os conteúdos da unidade *A sociedade de ordens portuguesa*,

⁶⁸ Sérgio Couto, *A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História*, cit., pp. 67-68.

nomeadamente as várias categorias que a nobreza abrangia, com a habitação nobre existente em Condeixa-a-Nova. Foi possível apurar que os alunos demonstraram capacidade para mobilizar conhecimentos, tanto no momento de análise e interpretação oral dos três documentos e imagens da ficha em sala de aula, como na resolução das questões que compunham a ficha documental. Podemos concluir que o trabalho oral realizado se revelou vantajoso, pois os alunos conseguiram adquirir outros conhecimentos sobre a toponímia e a evolução urbanística de Condeixa-a-Nova. Nas respostas às quatro perguntas, não obstante as enormes dificuldades reveladas na produção escrita, os alunos conseguiram relacionar, mediante a leitura e interpretação dos documentos, as diversas categorias da nobreza com os solares de Condeixa-a-Nova.

No seguimento desta atividade, e já em contexto de sala de aula, voltámos a recorrer a uma ficha documental que incidiu sobre a presença francesa em Condeixa-a-Nova, aquando da 3.^a invasão francesa, mais concretamente sobre o património incendiado. Podemos concluir desta atividade que, ao terem contactado mais uma vez com fontes ligadas à História Local, através da leitura, análise e interpretação dos documentos, os alunos conseguiram adquirir, consolidar e mobilizar competências no que toca à ligação dos conhecimentos programáticos com a História e Património de Condeixa-a-Nova. Isto ficou demonstrado na participação oral dos discentes em sala de aula, onde apresentaram uma enorme facilidade para localizar e dizer os nomes dos edifícios apresentados nos documentos, mas também para reconhecer as diferenças urbanísticas que a imagem que ilustrava a ficha documental apresentava face à atualidade.

Procurámos, ainda, diferenciar estratégias, implementando um trabalho de grupo na plataforma *Thinglink*, que permitisse articular os conteúdos programáticos com a História Local e Património, respondendo, assim, a dois dos objetivos que havíamos delineado no início do nosso estudo, e que passavam por *avaliar de que forma a utilização da História Local e do Património poderá influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História e verificar se o trabalho em grupo sobre História Local e Património promove competências sociais*. A introdução de uma ferramenta interativa e a possibilidade de utilizar múltiplos recursos despertou interesse nos alunos, fazendo com que contactassem com fontes históricas ligadas à História Local de forma mais motivadora e interessante. A sua utilização, principalmente o facto de ela facilitar o uso de diversas ferramentas (texto, vídeo, imagem, áudio, etc), contribuiu para que cada um dos grupos, devidamente orientados por nós, realizasse pesquisas em obras e sítios da internet para recolher informação, tendo em vista a construção da história do edifício que lhes havia sido atribuído. Ao longo da sua realização pudemos comprovar que, cada um dos grupos, demonstrou uma enorme responsabilidade pela aprendizagem ativa, tendo cada um dos seus elementos desenvolvido um papel ativo em termos de seleção de informação, de expressão escrita, de pensamento crítico e de

relacionamento com os colegas menos próximos. Este último aspeto acabaria por se confirmar no inquérito final de avaliação do impacto que o trabalho em torno da História Local e Património teve junto dos discentes, onde a grande maioria (18 alunos) confirmou que a realização desta atividade ajudou a desenvolver laços com os elementos dos grupos com quem tinham menos afinidade.

Ainda no inquérito de avaliação do impacto que a nossa aplicação didática teve junto da turma, foi possível verificar que os alunos gostaram de interrelacionar os conteúdos do manual com a História e o Património de Condeixa-a-Nova, além de reconhecerem que ficaram a conhecer melhor o espaço onde se situa a escola onde estudavam, e que passaram a atribuir outra importância aos edifícios apresentados. Retirámos, ainda, das respostas dos discentes que, usar temáticas relacionadas com a História Local e com o Património é motivador, pois a utilização deste tipo de temas pode potenciar o interesse dos alunos pela disciplina de História e, assim, aumentar o seu sucesso escolar. O mesmo se verifica no estudo de Sílvia Araújo, com alunos do 7º e 10º anos, sobre os contributos da História Local no ensino da História, onde ficou demonstrado que estes passaram a dar outro tipo de importância ao Património que os envolve e a valorizar a História Local. Também ficou patente em várias respostas do trabalho desta autora que, o recurso a este tema ajudou os alunos a compreenderem melhor os conteúdos programáticos.⁶⁹

Perante o que acabamos de escrever, fica demonstrado que a resposta à questão sobre a qual versou o nosso estudo, saber *de que forma é que a História Local e o Património ajudam na construção de conhecimento histórico*, foi alcançada com êxito.

⁶⁹ Sílvia, “*Só se ama o que se conhece...*”: contributos da História local no Ensino da História, cit., pp. 146-147.

Fontes e bibliografia

Documentos e Legislação

Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais, Ministério da Educação, Lisboa, 2001. Documento disponível em: http://cefopna.edu.pt/portal/images/documentos/Curriculo_Nacional_EB.pdf, acedido em 30-11-2020.

Carta do Porto Santo. A Cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia, Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, 2021. Documento disponível em: <https://www.culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2021/05/carta-de-porto-santo>, acedido em 02-11-2021.

Decreto-Lei n.º 137/2012, Ministério da Educação e Ciência, Diário da República, n.º 126/2012, pp. 3340-3364. Documento disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/178527/details/maximized> acedido em 20-12-20.

Documento de Apoio às Metas Curriculares de História (3.º Ciclo do Ensino Básico), Ministério da Educação e Ciência, Governo de Portugal, 2013. Documento disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc_de_apoio_mc_de_historia_final.pdf, acedido em 28-10-2019.

Documento de Apoio às Aprendizagens Essenciais de História (3º Ciclo do Ensino Básico), Ministério da Educação, Governo de Portugal, 2018. Documento disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc_de_apoio_mc_de_historia_final.pdf, acedido em 20-12-2020.

Lei de Bases do Sistema Educativo, Diário da República Eletrónico, 1986. Documento disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/70328402/202011281456/exportPdf/maximized/1/cacheLevelPage?rp=indice>, acedido em 30-11-2020.

Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, Ministério da Educação, Governo de Portugal, 2017. Documento disponível em https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf, acedido em 09-07-2021.

Projeto Educativo 2021/2024, Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, 2021.

Bibliografia Geral

- ALARCÃO, Jorge, *Introdução ao estudo da História e Patrimónios Locais. Cadernos de Arqueologia e Arte 2*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, 1988.
- ALMEIDA, Érica; Solé, Glória, “Aprender História através da exploração do Património Local como recurso didático: uma experiência em Educação Patrimonial com alunos do 5.º ano de escolaridade”, in *Livro de actas del VII Simpósio Internacional de Ciencias Sociales, educación y futuro. Investigaciones en Didáctica e las Ciencias Sociales*, Universidade de Santiago de Compostela Santiago de Compostela, 2016, pp 534-551. Texto disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/53133>, acedido em 18-11-2020.
- ALVES, Luís Alberto Marques, “A história local como estratégia para o ensino da História”, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, 2006, vol. 3, Porto: Universidade do Porto, pp. 65-72.
- ARAÚJO, Ana, *Aprender o Património Cultural com diversão: Potencialidades do lúdico no processo de ensino e aprendizagem no 1.º ciclo do Ensino Básico*, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2013.
- ARAÚJO, Sílvia, “*Só se ama o que se conhece...*”: *contributos da História local no Ensino da História*, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017.
- BARBOSA, Pedro Gomes, “Preservação e Memória”, in *O Património Local e Regional. Subsídios para um trabalho transdisciplinar*, Lisboa, Departamento do Ensino Secundário, 1998.
- BARCA, Isabel; Solé, Glória; Pinto, Helena; Facal, Ramón Lopez; Martínéz, Tània; Sabaté, Miquel, Educação histórica e educação patrimonial- novos desafios”, in *II Seminário Internacional de Educação Patrimonial – Contributos para a construção de uma consciência patrimonial*, Centro de Investigação em Educação, Universidade Minho, 2014, pp. 53-75. Texto disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/53131>, acedido em 09-07-2021.
- CORREIA, Leandro, *Partir, regressar e Investir: uma abordagem didática sobre a emigração no século XIX português*, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de

- História no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2017.
- DUARTE, Ana, *Educação Patrimonial. Guia para Professores, educadores e monitores de museus e tempo livres*, Lisboa, Texto Editora, 1993.
- KAYE, Barrigton; Rogers, Irving, *O Trabalho de Grupo nas Escolas Secundárias*, Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- MAGALHÃES, Olga, “O documento escrito na aula de História: proposta de abordagem”, in *O Ensino da História, Boletim da APH (III série)*, nº 18, Lisboa, Outubro de 2000, pp. 22-24.
- MANIQUE, António Pedro; Proença, Maria Cândida, *Didática da História. Património e História Local*, Lisboa, Texto Editora, 1994.
- MENDES, José Amado, *Estudos do Património: Museus e Educação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- Monteiro, José Augusto *Imaginação e criatividade no ensino da história: o texto literário como documento didático*, Associação Portuguesa de História, Lisboa, 1997.
- MOREIRA, Maria Gorete *As fontes históricas propostas no manual e a construção do conhecimento histórico: um estudo em contexto de sala de aula*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Supervisão Pedagógica em Ensino da História, apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2004.
- LUCENA, Margarida, “Potencialidades didáticas do Património e da História Local: um caso para a margem esquerda do Tejo”, in *História Local e Ensino da História- duas propostas para exploração pedagógico-didática*, Cadernos Pedagógico-Didáticos, nº 20, Lisboa, Associação de Professores de História, 2000, pp. 9-23.
- PATO, Maria Helena, *Trabalho de Grupo no Ensino Básico: Guia prático para professores*, Texto Editores, Lisboa, 2010.
- PESSOA, Ana Maria, *Como Organizar um Trabalho de Grupo*, Setúbal, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 1991.
- PINTO, Helena, *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*, Porto, CITCEM, 2016.

RODRIGUES, Marta, *Habitação nobre da vila de Condeixa*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.

SALGADO, Anastásia Emília, *O trabalho de grupo e a adaptação da escola ao aluno*, Lisboa, Edição da Autora, 1974.

SANTOS, Valério, *Viagens pela minha Terra. As visitas de estudo no contexto da História Local e Regional*, Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019.

SERRÃO, Vítor, “Portugal em ruínas: uma história cripto-artística do património construído”, in Silva, Gastão de Brito e, *Portugal em ruínas*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pp 7-46.

SIMÃO, Ana Catarina Gomes, “Repensando a evidência histórica na construção do conhecimento histórico”, in *Diálogos*, 19(1), 186, 2016, pp. 181-189. Texto disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33808>, acessado em 21-12-2020.

VERÍSSIMO, Maria Helena, *A avaliação de competências históricas através da interpretação da evidência: um estudo com alunos do ensino secundário*, Tese de Doutoramento em Ciências da Educação Especialidade de Educação em História e Ciências Sociais apresentada à Universidade do Minho, 2012.

XAVIER, Erica da Silva, “O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador”, in *Antíteses*, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 1097-1112.

Bibliografia sobre Condeixa-a-Nova

ALMEIDA, Fernando-António, *Condeixa, lugar de grande estrada: quadros para a sua história*, Condeixa-a-Nova, Edições Afrontamento, 2014.

CARVALHO, Ilda (coord.), *Memórias de Condeixa: exposição*, Condeixa-a-Nova, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, 2015.

Condeixa: paisagem, memória, história, Condeixa-a-Nova, Paróquia, 2010

CONCEIÇÃO, Augusto Santos, *Condeixa-a-Nova*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1983.

RODRIGUES, Marta, *Habitação nobre da vila de Condeixa*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.

PEREIRA, Cândido, *Crónicas de Condeixa, para que a memória não se perca!*, Condeixa-a-Nova, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, 2017.

Anexos

Anexo I

Plano Individual de Formação

Introdução

O presente Plano Individual de Formação (PIF) tem como função apresentar aquelas que serão as linhas orientadoras do trabalho a ser desenvolvido, no ano letivo 2020/2021, no Núcleo de Estágio Pedagógico da Escola Básica de Condeixa-a-Nova. Este é constituído pelos professores estagiários Leonardo Ferreira, Regina Pascoal e Tiago Ferreira e tem como professora orientadora a Professora Catarina Figueiredo. Esta última desempenhará um importante papel no nosso crescimento enquanto docentes, pois será ela a nossa guia no alargamento da nossa visão sobre o sistema educativo.

O PIF é um documento orientador, que deve ter subjacente não só uma componente associada a todo o Núcleo de Estágio, mas também as orientações definidas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Acresce ainda, uma parte individual que tem em conta o perfil pessoal e profissional dos estagiários.

ATIVIDADES OBRIGATÓRIAS

- Assistir a 75% das aulas lecionadas pela Orientadora de Estágio nas turmas entregues ao núcleo de estágio;
- Participar em 75% dos Seminários pedagógicos, ou de acompanhamento, dirigidos semanalmente pela Orientadora da Escola;
- Assistir a todas as aulas lecionadas pelos colegas do núcleo de estágio;
- Lecionar o maior número de aulas possível na disciplina de História à turma do 8º ano, que nos foi atribuída;
- Ajudar a preparar e organizar atividades letivas nas turmas da Orientadora;
- Refletir sobre as aulas lecionadas e os seus documentos/materiais associados;
- Elaborar e discutir planificações de curto prazo, recursos didáticos, estratégias e instrumentos de avaliação;
- Realizar testes de avaliação;
- Corrigir testes de avaliação;
- Trabalho cooperativo com os elementos que compõem o núcleo de estágio;

- Realizar auto e hetero avaliação de atividades letivas e de avaliação formativa e sumativa de acordo com o Núcleo de Estágio;
- Participar em 50% de aulas das unidades curriculares de Projeto didático I e II, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Componente individual

- Assistir às aulas lecionadas pela orientadora a turmas e níveis diferentes daqueles em que nos encontramos afetos, sempre que for possível;
- Auxiliar a orientadora de estágio sempre que for pedido;
- Sempre que possível aliar temas programáticos com assuntos da História Local de Condeixa-a-Nova;
- Substituir a orientadora ou os professores da Escola Básica sempre que houver necessidade, de modo a segurar o horário letivo;
- Participar, como observador, em atividades de gestão curricular como: conselhos de turma ou departamentos curriculares;
- Ajudar os alunos a prepararem-se para a vida em sociedade, utilizando as várias matérias abordadas em sala de aula para promover reflexões acerca da atualidade e do presente em que vivemos;
- Participar em atividades extracurriculares oferecidas pelo Agrupamento de Escolas;
- Organizar palestras e workshops, sendo os palestrantes oriundos de fora do meio escolar onde ocorre o Núcleo de Estágio;
- Programar sessões cinema que possam ir de encontro com os conteúdos programáticos das turmas a que nos encontramos afetos;
- Participar e auxiliar em iniciativas do Plano Anual de Atividades;
- Acompanhar os alunos em variadas atividades sempre que for solicitado;
- Auxiliar sempre que possível e necessário nas atividades a serem realizadas no Agrupamento de Escolas;
- Participar em atividades (seminários, workshops, etc) dinamizadas pela divisão de educação e cultura da autarquia local onde o núcleo de estágio se encontra a funcionar;
- Participar na recriação histórica das invasões francesas em Condeixa-a-Nova;
- Participar em atividades desenvolvidas pelos núcleos museológicos existentes em Condeixa-a-Nova, que possam enriquecer a prática docente;
- Participar em conferências e/ou atividades na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sobre a prática docente;

Atitudes e valores

- Ser responsável, pontual e assíduo;
- Demonstrar honestidade no relacionamento com os elementos núcleo de estágio;
- Apresentar um espírito de compromisso em todas as atividades propostas;
- Tentar ser crítico e autocrítico;

Anexo II

Exemplo de uma planificação a curto prazo por nós elaborada

Escola: Escola Básica nº2 de Condeixa-a-Nova		Tema: Expansão e mudança nos séculos XV e XVI		Aula nº: 18		Sumário: A invenção da imprensa. O surgimento de críticas ao saber tradicional. A observação e a experiência como meio para alcançar o conhecimento. Os avanços do conhecimento na astronomia e na anatomia.	
Professor: Tiago Ferreira		Unidade: Renascimento, Reforma e Contrarreforma					
Turma: D Ano: 8 ^a		Subunidade: <i>Humanismos e renovação literária; O alargamento da compreensão da Natureza;</i>					
Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Av.		
Compreender a imprensa enquanto veículo de divulgação de conhecimento;	<i>Humanismo e renovação literária</i> A criação literária alcançou um enorme progresso. A divulgação dos novos escritos foi possível devido à invenção da imprensa. A nova arte de imprimir teve uma rápida difusão por toda a	No início da aula será realizada a correção do trabalho de casa. No início da aula, o docente recorrendo ao diálogo vertical e horizontal, fará junto dos discentes uma recapitulação em volta das origens do Renascimento e do surgimento de humanistas renascentistas e dos valores a eles associados. Nesta primeira parte, e por		Diálogo vertical e horizontal; Computador e projetor;	-Atitudes e valores; -Participação dos alunos nas atividades da aula;		

	<p>Europa. As tipografias tornaram-se locais de cultura e de debates. A imprensa facilitou a produção literária em grande escala e de baixo custo;</p>	<p>forma a despertar o interesse dos alunos, o professor irá fazer uma “brevíssima” alusão à evolução dos suportes de escrita. Por forma a concretizar este aspeto, os alunos observarão dos seus lugares, uma tabuinha de cera e um papiro. Esta pequena atividade deve servir para mostrar aos alunos a importância da imprensa enquanto instrumento de produção e difusão de livros e escritos clássicos e renascentistas. Seguidamente à observação, e de modo a que os alunos tenham a perfeita noção do funcionamento da Imprensa, serão projetados excertos de um episódio da série <i>Era uma vez os inventores: Gutenberg</i>;</p>		
<p>Identificar a rutura da sociedade renascentista face aos saberes herdados dos “clássicos”;</p>	<p>A crítica ao saber tradicional No século XV, a base dos conhecimentos relativos ao universo, à natureza e ao homem provinham das obras da Antiguidade greco-romana;</p>	<p>No seguimento desta explanação, e agora recorrendo ao diálogo vertical, abordará a influência das obras da antiguidade greco-romana, na sociedade do início do século XV. Este trabalho pretende levar os discentes a relembrar que os autores da antiguidade clássica eram uma referência no Renascimento.</p>	<p>Diálogo vertical;</p>	
<p>Enunciar a necessidade de sujeitar o conhecimento à observação da realidade;</p>	<p>A admiração pelos pensadores clássicos não impediu o surgimento de uma atitude crítica. Por forma a constituir uma análise crítica em relação</p>	<p>Aproveitando esta recapitulação, o docente explicará aos alunos que muitos dos conhecimentos relativos ao Universo, Natureza e ao Homem tinham origem em obras de autores como Galeno ou Ptolomeu.</p>	<p>Diálogo vertical;</p>	

<p>Explicar a observação e a experiência enquanto elementos essenciais para o alcance do conhecimento;</p> <p>Destacar o contributo de Leonardo da Vinci para a evolução da compreensão da Natureza e da interpretação racional dos factos;</p>	<p>aos saberes herdados, o Humanismo renascentista decidiu sujeitar o conhecimento à observação da realidade;</p> <p>Observação e experiência</p> <p>No Renascimento desenvolve-se a ideia de que todo o conhecimento deve ser afirmado através da experiência e da razão. Muitos homens das ciências, argumentam que só através da observação da natureza e da interpretação racional dos factos se pode alcançar o saber;</p> <p>Um dos principais sábios do renascimento foi Leonardo da Vinci. A ele se devem importantes estudos do corpo humano e da circulação do sangue;</p>	<p>Com recurso ao diálogo vertical, pretendemos que a turma retenha que a sociedade renascentista passou a ter uma atitude crítica face ao saber herdado, passando a desenvolver uma verdade racional.</p> <p>Como estratégia de motivação para a introdução da questão em torno da <i>Observação e experiência</i>, explicará que uma das ideias que foi desenvolvida, foi a de que todo o conhecimento tinha que ser confirmado pela experiência e pela razão. De maneira a consolidar esta parte da matéria, será solicitado a um aluno que faça a leitura do doc. 3 <i>A experiência como fonte do conhecimento</i>. No final da leitura o professor em conjunto com a turma irá trabalhar as seguintes ideias, expostas no documento: qual é a ideia do autor em volta dos pensadores clássicos; qual é a sua opinião sobre a experiência;</p> <p>Na sequência deste tópico o docente recorrendo ao diálogo vertical e horizontal, será projetado um <i>Power point</i> sobre a figura de Leonardo da Vinci. O documento em causa, será utilizado para mostrar aos alunos alguns das suas invenções e descobertas</p>	<p>Manual;</p> <p><i>Power point;</i></p>	
---	---	--	---	--

<p>Compreender a descoberta de conhecimentos relativos ao corpo humano;</p> <p>Distinguir as ideias implícitas ao sistema heliocêntrico e ao sistema geocêntrico;</p>	<p>Os novos caminhos do conhecimento</p> <p>Através do que observamos anteriormente, verificou-se um enorme avanço em algumas áreas. Através de André Vesálio, desenvolveu-se a prática de dissecar cadáveres;</p> <p>Além da anatomia também astronomia foi alvo de progressos. Destacamos o sistema geocêntrico e o sistema heliocêntrico;</p>	<p>científica, nas áreas da engenharia e anatomia;</p> <p>Seguidamente e em jeito de conclusão do tópico anterior, sobre a Anatomia, será projetado um desenho do corpo humano de André Vesálio. Com a observação desta imagem pretendemos que os discentes retenham que os conhecimentos relativos ao corpo humano evoluíram de forma significativa no Renascimento, nomeadamente através da dissecação de cadáveres.</p> <p>Na última parte da aula, o professor, recorrendo novamente ao diálogo vertical e horizontal, fará a análise do doc. <i>5 O sistema heliocêntrico de Copérnico</i>. Aqui apresentará os sistemas defendidos por Ptolomeu e por Copérnico e as ideias subjacentes a cada um.</p>	<p>Projeção no quadro multimédia do <i>Corpo humano</i> de André Vesálio;</p> <p>Manual;</p>	
---	---	--	--	--

Anexo III**Exemplo de uma ficha de avaliação por nós elaborada**

1. Lê o documento.

“[O Marquês] controlou não só a governação mas, igualmente, a totalidade do País, aniquilando toda e qualquer vontade de oposição, incluindo a do próprio rei que mostrava escassos talentos governativos. Neste sentido pode dizer-se que o domínio do governo do Marquês de Pombal foi apenas o clímax de uma tendência que durava havia já mais de um século, tal como o despotismo esclarecido não foi mais do que o ato final do absolutismo régio”.

Adaptado de A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Palas.

1.1. **Define** *despotismo esclarecido*.

1.2. **Refere** os dois objetivos da governação do Marquês de Pombal.

1.3. **Que sectores** faziam *oposição* à política implementada pelo Marquês de Pombal?

2. **Indica** a função associada a cada um dos seguintes organismos.

Erário Régio _____

Junta de Comércio _____

Real Mesa Censória _____

Colégio dos Nobres _____

3. **Assinala** com **X** as medidas tomadas pelo Marquês de Pombal para estimular a economia portuguesa.

- O Marquês de Pombal, face à quebra de ouro vindo do Brasil, adotou um programa de industrialização.
- Formou-se uma nova burguesia ligada às companhias comerciais, aos vinhos do Douro e ao comércio com o Brasil.
- Aboliu a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos.
- Beneficiou a nobreza.
- Subsidiou a criação de animais.

Grupo II

1. **Observa** atentamente a seguinte imagem.

1.1 **Indica** o acontecimento associado à criação desta bandeira.

1.2. A bandeira tem treze estrelas. **Como explicas** esse facto?

1.3. **Refere** os dois motivos do descontentamento dos colonos americanos face ao governo inglês.

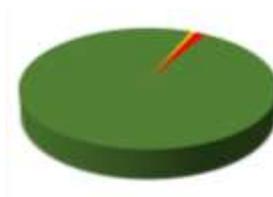


2. **Indica** os órgãos a que corresponde cada um dos poderes do sistema político americano.

Divisão dos Poderes na Constituição Americana		
Poder legislativo	Poder executivo	Poder judicial

Grupo III

1. **Analisa** o gráfico.



■ Terceiro Estado (98%)	■ Clero (0,5%)	■ Nobreza (1,5%)
--	--	---

1.1. **A partir do gráfico**, caracteriza as duas ordens privilegiadas francesas.

1.2 **Apresenta três razões** para o descontentamento do Terceiro Estado face ao Antigo Regime.

2. Completa o texto.

Para tentar acalmar a população o rei Luís XVI, em 1789, resolveu convocar os _____ , assembleia consultiva onde estavam representados _____ , _____ e o _____ . Esta reunião marcou o início da Revolução Francesa, porque o povo exigia que a votação fosse feita por _____ .

Esta situação fez com que o povo se reunisse formando uma Assembleia Nacional Constituinte, jurando não se separarem até conseguirem dotar a França de uma Constituição. O rei tentou dissolver esta assembleia, o que provocou a revolta da população. O povo de Paris assaltou a _____ e libertou os presos. Este acontecimento passou a simbolizar a Revolução Francesa.

3. A Assembleia Nacional Constituinte teve uma intensa atividade legislativa. **Refere três** dessas medidas.

4. **Observa** a imagem.**Robespierre**4.1. **Como se designa** o período revolucionário de que Robespierre foi um dos principais inspiradores?

5. **Assinala** com **V** as afirmações verdadeiras e com **F** as falsas.

- Napoleão subiu ao poder na sequência do golpe de Estado do 18 do Brumário e instaurou a Monarquia
- Da sua ação política conta-se a publicação do Código Civil.
- Através do Bloqueio Continental tentou asfixiar economicamente a Rússia.
- Em 1815, Napoleão foi derrotado na batalha de *Waterloo*.

Cotações 100%														
Grupo I					Grupo II				Grupo III					
1.1.	1.2.	1.3.	2.	3.	1.1.	1.2.	1.3.	2.	1.1.	1.2.	2.	3.	4.1.	5.
4	4	4	8	9	4	4	6	9	9	6	12	9	4	8

Anexo IV***O que sabes sobre Condeixa-a-Nova?***

1) Qual dos seguintes espaços não se localiza em Condeixa-a-Nova:

Palácio Sotto Mayor	
Ruínas de Conímbriga	
Fonte dos Amores	
Rua Deniz-Jacinto	
Palácio da Ajuda	

2) O nome do doce que é muito famoso em Condeixa-a-Nova:

3) Assinala o acontecimento que não é comemorado em Condeixa-Nova:

Presença dos Romanos	
Recriação das Invasões Francesas	
Feira Medieval de agosto	
Festival de Teatro Deniz-Jacinto	

4) Indica um monumento que conheças em Condeixa-a-Nova:

5) Gostarias de saber um pouco mais sobre a História e Património de Condeixa-a-Nova?

Sim	
Não	

Anexo V**Habitação nobre de Condeixa-a-Nova****Texto I-Palácio dos Ramalhos ou de Lemos**

Era o antigo solar de N.^a Senhora da Piedade, também conhecido pelo dos Ramalhos de Condeixa [...], teve ainda, como senhores, os morgados da família Lemos. A primeira construção do solar [...] pertence ao século XVII. O imponente palácio [...] apresenta uma longa fachada [...] na qual se abrem dezanove janelas de varanda. Dos muitos solares existentes no país é este um dos mais belos: possui adornados, extensos e esplêndidos pomares e lindos jardins [...]. O seu recheio distribuído por nove salões, foi verdadeiramente assombroso.

Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*, 1983, pp. 60-61.



Imagem 1- Palácio dos Ramalhos (Fotografia pertencente a António Costa Pinto)

Texto II-Palácio dos Sás

É possível que o palácio fosse inicialmente construído em meados do século XVII [...]. Este palácio teve como primeiro proprietário D. Manuel de Sá Pereira [...] fidalgo da Casa real. A sua fachada tinha cerca de vinte e três janelas de sacada e terminava confrontando-se com a Igreja Matriz. Através do corpo sul tinha uma ligação direta ao interior da Igreja. É através de imagens muito antigas que podemos descobrir que o Palácio era muito comprido [...]. Do antigo palácio a única coisa que sobreviveu foi o brasão dos Sás.

Marta Rodrigues, *Habitação nobre da vila de Condeixa*, 2013, pp. 75-82.



Imagem 2- Palácio dos Sás (Fotografia pertence a António Costa Pinto)

Texto III-Palácio dos Figueiredos de Guerra

Em meados do séc. XVII [...] como confrontava com o velho solar dos Figueiredos, da Quinta de S. Tomé, foi adquirido por Martim Gomes de Figueiredo, superintendente das coudelarias¹ da comarca de Coimbra e fidalgo muito considerado [...]. Por ser pequeno e se encontrar em ruínas, foi restaurado no séc. XVII por João Rodrigues de Figueiredo, fidalgo da Casa de Bragança, capitão-mor da vila do Alvorge [...] o terceiro neto de Martim Gomes Figueiredo. Desde essa restauração ficou o palácio conhecido por Paço dos Figueiredos de Condeixa e Paço do capitão-mor [...]. A sua entrada abre-se num pátio interior, donde se elevam duas escadarias, ligadas entre si por uma varanda [...].

Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*, 1983, p. 58.

¹ **Coudelaria**-estabelecimento onde se criam cavalos.



Imagem 3- Palácio dos Figueiredos (Fotografia pertencente a António Costa Pinto)

Lê atentamente e responde às seguintes questões!!!

Em caso de dúvidas consulta as páginas 124-125 do manual.

1. Qual a principal fonte de rendimento da nobreza?
2. Tendo em conta o Texto I, define por palavras tuas, solar.
3. Que cargos foram ocupados pelos membros da família proprietária do Palácio dos Figueiredos de Guerra?
4. A partir da leitura dos textos, indica as características da nobreza de província.

Anexo VI**Condeixa-a-Nova perante a 3ª invasão napoleónica (1810-1811)****Texto I-O saque da igreja de Condeixa-a-Velha no outono de 1810**

Em outubro de 1810 os franceses roubaram toda a prata da confraria, a cera que havia e rasgaram as vestimentas e quando, em março de 1811, passaram na retirada, acabaram de destruir o resto das vestimentas, roupas, cera [...], somente ficou por destruir o madeiramento do telhado do corpo da igreja e a porta principal, roubando o azeite que havia nos armazéns.

Adaptado de 3º Livro Contas da Confraria de S.S. de Condeixa-a-Nova.

Texto II-O incêndio de 13 de março de 1811

Foi nesse dia 13 que as tropas de Massena evacuaram Condeixa-a-Nova e seus arredores [...], tendo ao abandoná-la, mandado deitar-lhe fogo, que se estendeu a 40 edifícios, incluindo a igreja matriz. As labaredas do incêndio iluminaram a Vila em clarões de tragédia [...] avistando-se de todos os lugares vizinhos [...]. Logo depois, na sequência do roubo de riquezas (animais, trigo de celeiros e ouro), desenvolveu-se na região uma epidemia, fruto da infeção das águas motivada pela passagem dos exércitos e do péssimo enterramento de centenas de animais que eram descobertos pelos cães famintos, levando à morte de muitas pessoas.

Adaptado de Augusto dos Santos Conceição, *Condeixa-a-Nova*, 1941, pp. 275-277.

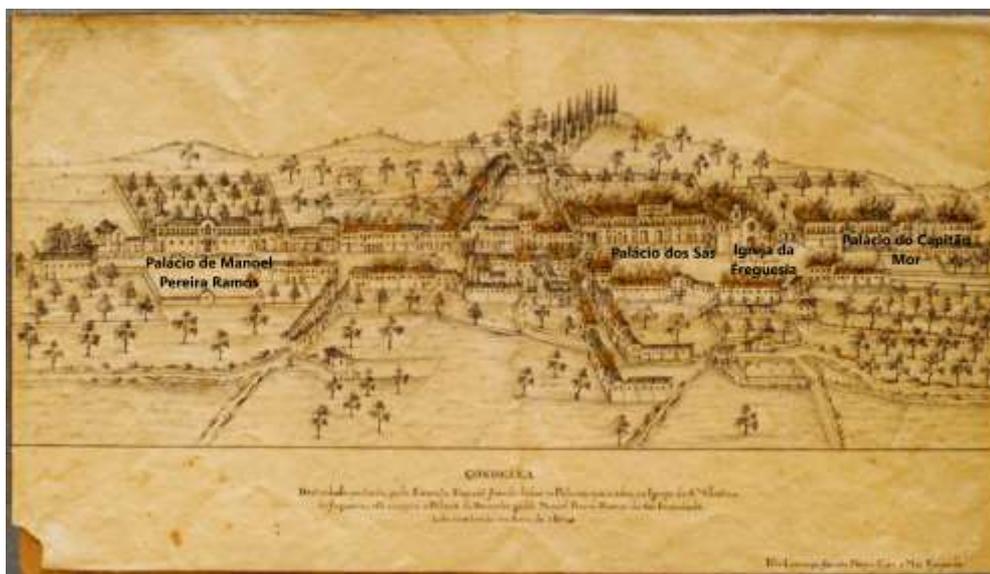


Fig. 1 Mapa de Condeixa destruída e incendiada pelo exército francês-1811

Autoria: Félix Lourenço (1811). Propriedade do Museu Nacional de Machado de Castro

Na parte inferior do desenho, ao centro, a legenda: «CONDEIXA/ Destruída e incendiada, pelo Francês ficando todos os Palácios queimados, e a Igreja de Santa Cristina da freguesia, e só escapou o Palácio do Desembargador Manoel Pereira Ramos de ser incendiado. Tudo acontecido no ano de 1811».

Texto III-O exército francês e o Palácio de Lemos

Os inimigos, na sua retirada, foram deitando fogo a todas as povoações por onde passaram, sendo Condeixa a terra que sofreu mais, e as primeiras notícias que correram era de tinha ficado totalmente queimada; porém, felizmente escapou a minha casa [...] o resto da terra, incluindo o Palácio do Sás e a Igreja, ficou tudo reduzido a um monte de ruínas. Eu perdi [...] muitos toneis¹ e pipas, e deitaram abaixo os muros de prumo para meterem dentro cavalaria [...] destruíram-me o lagar da Estrada Nova e alguns olivais.

Adaptado de *Carta enviada por Manuel Pereira Ramos a Francisco de Lemos, Bispo de Coimbra* (23 de março de 1811).

¹ **Tonel**-Grande vasilha para líquidos de capacidade igual ou superior a duas pipas.

Lê atentamente e responde às seguintes questões:

1. Localiza, no espaço e no tempo, a situação apresentada nos textos.

2. A qual das invasões dizem respeito os factos descritos?

3. Partindo da análise dos documentos apresenta as consequências das invasões francesas.

Anexo VII**Questionário de avaliação de aprendizagem**

Nome:	8º ano Turma:	Nº
-------	---------------	----

O presente questionário tem como objetivo recolher informações sobre o nível de conhecimentos que tu apresentas em relação à História e Património de Condeixa-a-Nova.

1. Após o trabalho que realizaste sobre o Património de Condeixa-a-Nova, tens uma ideia do que é Património Histórico?

Sim	
Não	

1.1. Se sim, o que é que consideras ser Património Histórico? Das seguintes opções escolhe aquelas que mais se adequam à tua ideia sobre Património Histórico.

Obras de Arte	
Igrejas	
Solares	
Casas de Pessoas Importantes	
Festas e Romarias	

Justifica a(s) tua(s) escolha(s) de forma resumida.

2. Consideras que é motivador usar a História Local e Património nas aulas de História?

Sim	
Não	

2.1 Porquê?

3. Gostaste de trabalhar a História e o Património de Condeixa-a-Nova nas aulas de História?

Sim	
Não	

3.1. Porquê?

4. Sentes que após a realização do trabalho de grupo, sobre os edifícios incendiados em Condeixa-a-Nova, pelos franceses em 1811, dás outra importância ao espaço que te rodeia? Justifica.

5. Na tua opinião o trabalho de grupo ajudou a melhorar a ligação afetiva e de trabalho com os restantes colegas do grupo:

Sim	
Não	

5.1. Justifica.
